



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA PEDAGÓGICA
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E DE GESTÃO PEDAGÓGICA
CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Currículo em Ação

LER E ESCREVER & SOCIEDADE E NATUREZA

3

TERCEIRO ANO
ENSINO FUNDAMENTAL I
CADERNO DO ALUNO

VOLUME
1

ESCOLA: _____

PROFESSOR(A): _____

ALUNO(A): _____

ANO LETIVO / TURMA: _____

SÃO PAULO

Governo do Estado de São Paulo

Governador

João Doria

Vice-Governador

Rodrigo Garcia

Secretário da Educação

Rossieli Soares da Silva

Secretário Executivo

Haroldo Corrêa Rocha

Chefe de Gabinete

Renilda Peres de Lima

Coordenador da Coordenadoria Pedagógica

Caetano Pansani Siqueira

Presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Nourival Pantano Junior

QUERIDO(A) ALUNO(A),

Este livro de atividades foi preparado para que você, com orientação do(a) seu(sua) professor(a), aprenda Língua Portuguesa, Ciências, Geografia e História à luz do Currículo Paulista.

Na primeira parte, você encontrará duas unidades com diferentes atividades de Leitura, Escrita, Oralidade e Análise Linguística, organizadas em projetos didáticos, sequências didáticas e outras, que serão realizadas em diferentes frequências.

As atividades apresentadas auxiliarão você a ler e a escrever melhor, por meio dos diversos textos presentes em seu dia a dia como contos, notícias, adivinhas, parlendas, entre outros.

As leituras aqui presentes contribuirão para você se divertir, se informar, aprender. Você encontrará também várias situações que lhe permitirão ter acesso a diferentes conhecimentos.

Ao realizar as atividades, procure esclarecer suas dúvidas e compartilhar com seus(suas) colegas sua forma de pensar e também o que for aprendendo.

Na segunda parte, você encontrará atividades dos componentes de Ciências, Geografia e História que oportunizarão que compreenda as relações entre o tempo, o espaço a sociedade e a natureza. O material de Ciências está dividido em três Unidades Temáticas: Matéria e Energia, Vida e evolução, Terra e Universo. Em Matéria e Energia você aprenderá a respeito dos materiais que são feitos os objetos de seu cotidiano, as transformações que sofrem e os impactos de nossas ações no ambiente em que vivemos. Em Vida e Evolução você aprenderá mais sobre seu corpo, saúde e, também, sobre os seres vivos como plantas e animais. Já em terra e Universo será estudado sobre o céu e seus fenômenos, como a mudança na forma da Lua. Estudar Ciências ajudará a estimular sua curiosidade, a investigação e a compreender melhor o que acontece ao seu redor por meio de atividades investigativas, leituras, experiências, construção de materiais, vídeos e muito mais.

No material de Geografia e História você terá a oportunidade de compreender as relações entre o tempo, espaço, a sociedade e a natureza. Na parte de Geografia constam fotos, imagens, plantas, maquetes. São diversas representações que poderão te auxiliar na localização do seu dia a dia. Já a parte de História, possibilita o conhecimento da sociedade humana em diferentes tempos e espaços, através de fontes históricas, que podem possibilitar a você uma "atitude historiadora."

Cuide deste livro e realize as atividades propostas com muita dedicação.

Rosseli Soares da Silva

Secretário da Educação do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

LER E ESCREVER

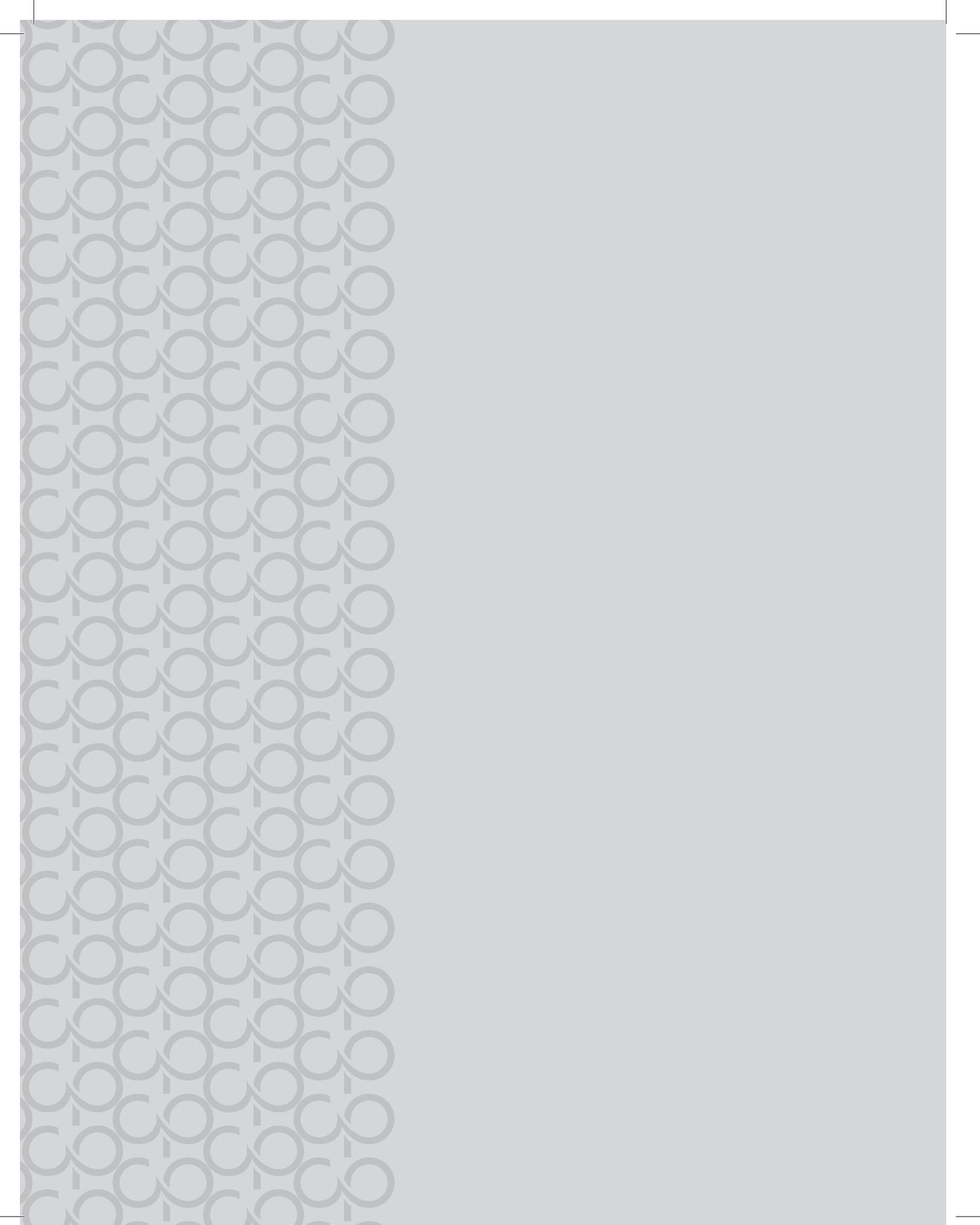
UNIDADE 1	9
Atividades de Leitura	11
Sequência Didática.....	13
Pontuação	13
Etapa 1 – Apresentação da Sequência Didática	13
Etapa 2 – Leitura e análise do conto com foco na pontuação	13
Etapa 3 – Transcrição do trecho do conto	20
Etapa 4 – Reescrita de final de conto.....	22
Projeto Didático.....	24
Contos e encantos	24
Etapa 1 – Apresentação do projeto didático	24
Etapa 2 – Leitura colaborativa com análise dos recursos linguísticos	24
Etapa 3 – Reescrita em duplas	40
Etapa 4 – Reescrita individual	42
Etapa 5 – Finalização e avaliação.....	44
UNIDADE 2	45
Atividades de Leitura	47
Sequência Didática.....	52
Ortografia.....	52
Tirinhas: um tesouro a descobrir.....	58
Etapa 1 – Apresentação da sequência didática – Tirinhas: um tesouro a ser descoberto.....	58
Etapa 2 – Leitura coletiva de tirinhas	58
Etapa 3 – Leitura de tirinhas em duplas.....	61
Etapa 4 – Leitura de tirinhas individualmente	62
Projeto Didático.....	63
Literatura de cordel.....	63
Etapa 1 – Apresentação do Projeto: “Literatura de Cordel”	63
Etapa 2 – Leitura colaborativa e análise dos recursos linguísticos de cordéis	63
Etapa 3 – Recitação e declamação de cordéis.....	76
Etapa 4 – Produção coletiva de cordel	77

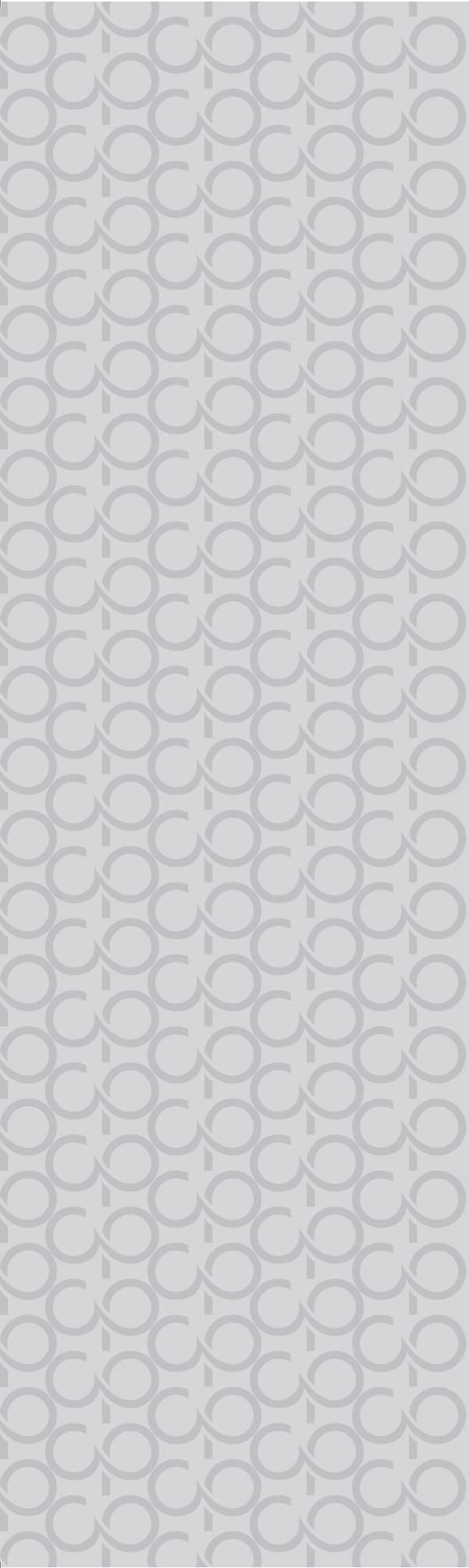
SOCIEDADE E NATUREZA – GEOGRAFIA E HISTÓRIA

UNIDADE 1	85
Sequência Didática 1	87
Atividade 1.1	87
Atividade 1.2	91
Atividade 1.3	94
Atividade 1.4	97
Atividade 1.5	98
UNIDADE 2	99
Sequência Didática 2	101
Atividade 2.1	101
Atividade 2.2	106
Atividade 2.3	107
Atividade 2.4	110

SOCIEDADE E NATUREZA – CIÊNCIAS

UNIDADE 1	123
Atividade 1.1	125
Atividade 1.2	126
Atividade 1.3	127
Atividade 1.4	127
UNIDADE 2	129
Atividade 2.1	131
Atividade 2.2	132
Atividade 2.3	133
Atividade 2.4	134

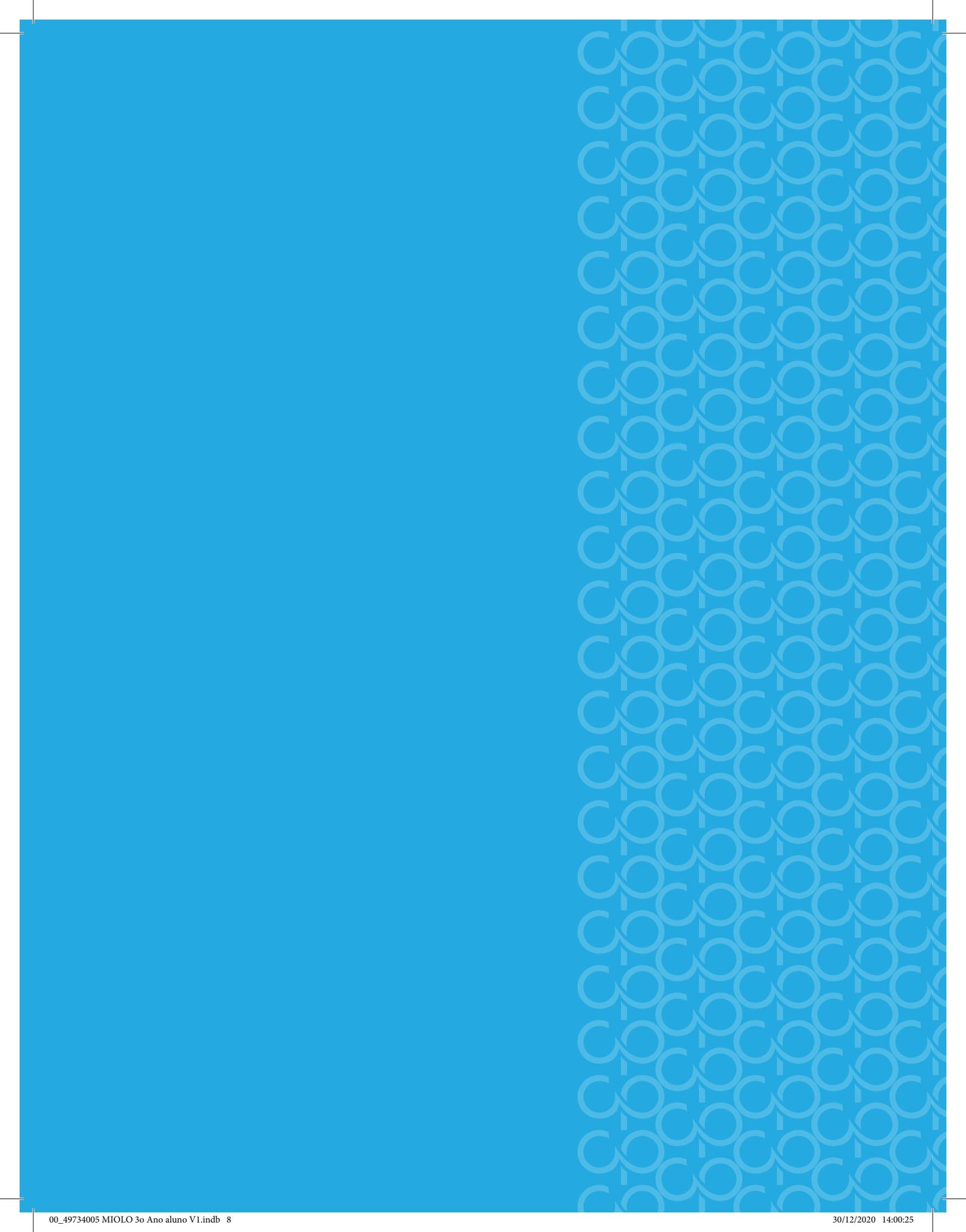




LER E ESCREVER

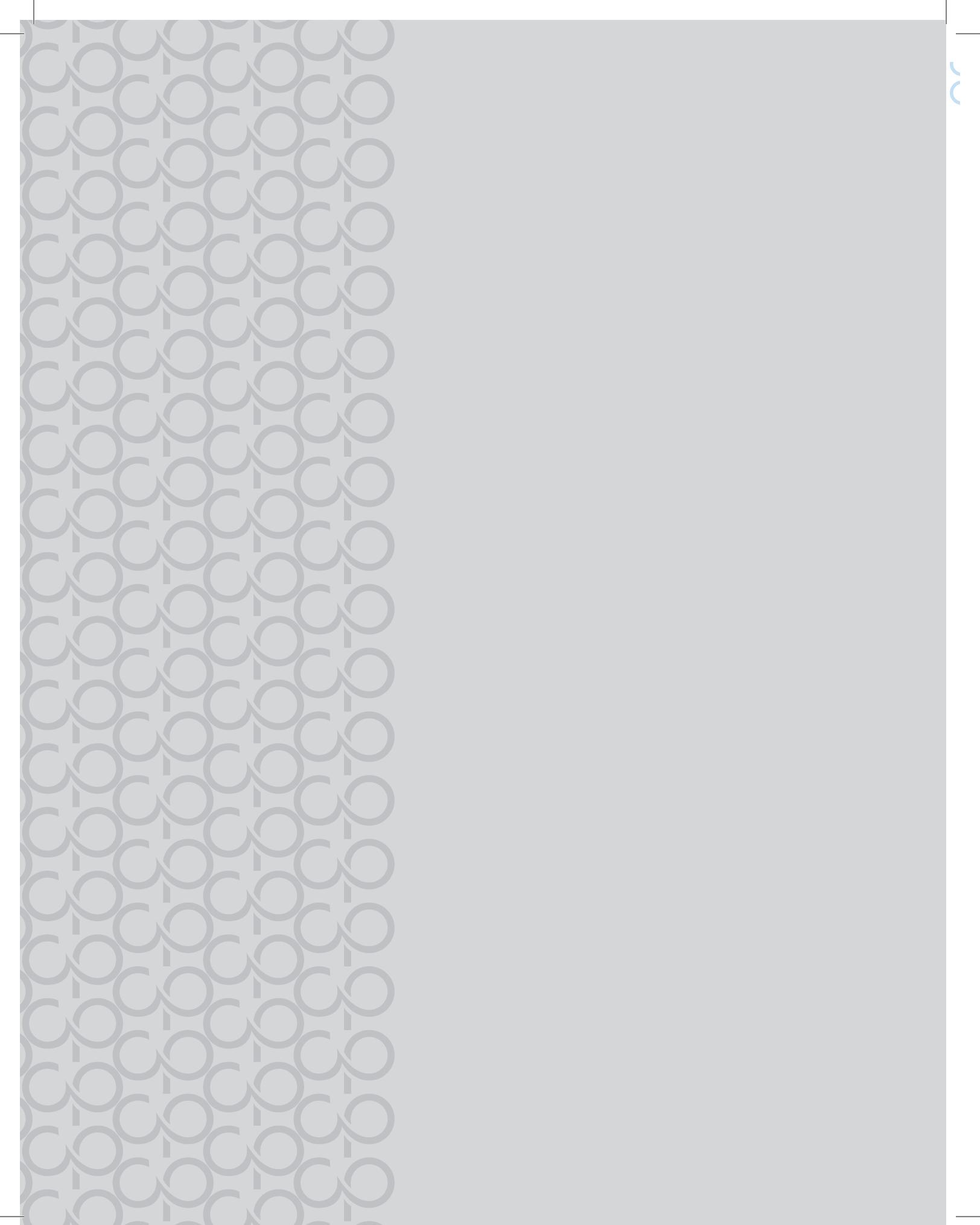
LÍNGUA PORTUGUESA

COLETÂNEA DE ATIVIDADES



Unidade





ATIVIDADES DE LEITURA

LEITURA

As atividades de leitura que serão desenvolvidas permitirão que vocês e seus colegas construam uma crescente autonomia para ler, familiarizando-se com a linguagem escrita, sentindo prazer com a leitura, conhecendo uma diversidade de histórias e autores, entre outros ganhos.

ATIVIDADE 1

Leia individualmente de forma silenciosa o texto a seguir. Logo após a leitura, serão discutidas as regras da brincadeira com o apoio do(a) professor(a):

JOGOS E BRINCADEIRAS

“Alerta”

Material Necessário: bola

Modo de jogar: Não é preciso delimitar o espaço para esse jogo. É necessário apenas que não existam obstáculos no terreno que possam representar algum perigo para os alunos.

Com todos os jogadores próximos uns dos outros, um deles, na posse de uma bola qualquer, a arremessa para o alto e grita o nome de alguém do grupo, enquanto todos fogem o mais rapidamente possível. Simultaneamente, o jogador cujo nome foi anunciado, corre atrás da bola e, ao pegá-la, grita: “Alerta!”.

Nesse momento, todos os demais têm de ficar estacionados no lugar em que estavam. O jogador com a bola tenta arremessar na direção de um dos demais, tentando “queimá-lo”. Independentemente do sucesso dessa tentativa, o jogador que foi o alvo será o iniciante na próxima rodada.

Após a leitura e discussão das regras, a brincadeira poderá ser realizada no pátio da escola.



Fonte: <https://pixabay.com/pt/vectors/jogador-de-futebol-futebol-esporte-1204089/>.

Acesso em: 16 nov. 2020.

ABREU, A.R. et al. Alfabetização: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p. v.3.

ATIVIDADE 2

1. Leia, em parceria com o(a) professor(a), todo o texto.
2. Em seguida, em duplas, leiam os versos conforme a orientação do(a) professor(a).

QUADRINHA

Plantei um abacateiro
para comer abacate
Mas não sei o que plantar
para comer chocolate.

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p.v.1. Fonte: https://cdn.pixabay.com/photo/2019/09/11/16/36/cacao-pod-4469212_960_720.jpg. Acesso em: 17 dez. 2020.



ATIVIDADE 3

1. Leia o texto em parceria com os colegas e o(a) professor(a):

O PATO TIRA RETRATO

O pato ganhou sapato.
Foi logo tirar retrato.
O macaco retratista
era mesmo um grande artista.
Disse ao pato: “Não se mexa
Para depois não ter queixa”.
E o pato, duro e sem graça
Como se fosse de massa!
“Olhe pra cá direitinho:
Vai sair um passarinho”.
O passarinho saiu,
bicho assim nunca se viu.
Com três penas no topete
e no rabo apenas sete.

Mário Quintana



Texto extraído do Livro **Alfabetização**: livro do aluno / Ana Rosa Abreu ... [et al.] Brasília : FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 3 v. : 64 p. n. 1. Fonte: https://cdn.pixabay.com/photo/2017/02/01/09/57/animal-2029283_960_720.png. Acesso em 17 dez. 2020.

Sequência Didática

Pontuação

Etapa 1 – Apresentação da Sequência Didática

ATIVIDADE 1 – CONHECENDO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nesta atividade, seu(sua) professor(a) irá apresentar a Sequência Didática de Pontuação para você aprender, ainda mais, sobre o uso dos sinais de pontuação ao reescrever um conto. Para isso, você e seu(sua) professor(a) poderão conversar sobre alguns sinais que vocês conhecem: sua função, seus diferentes tipos e suas diversas possibilidades de uso.

Etapa 2 – Leitura e análise do conto com foco na pontuação

Esta etapa apresentará a você e seus colegas o conto “Chapeuzinho Vermelho”, propondo que pensem nas pontuações utilizadas. Para isso, você fará os estudos sempre com auxílio de seu(sua) professor(a).

ATIVIDADE 2A – LEITURA EM VOZ ALTA DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO” PELO(A) PROFESSOR(A)

Leia em parceria com seu(sua) professor(a) e colegas o texto “Chapeuzinho Vermelho”:

CHAPEUZINHO VERMELHO

Irmãos Grim

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pelo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina — disse com voz doce.

— Bom dia — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.

— Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?

— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.

— Muito bem! E onde mora sua avó?

— Mais além, no interior da mata.

— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.

— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma ideia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolheu para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geleia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca, e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre avozinha, antes que ela pudesse gritar. Em seguida, fechou a porta. Enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o voo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geleia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:

— Puxe o trinco, e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta. O lobo estava escondido, embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

Coloque as broinhas, a geleia e a manteiga no guarda-comida, minha querida netinha, e venha aqui, até minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho.

Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro, e tão escuro... faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador que arrumou tudo bem direitinho, dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, se esconderam entre as árvores e aguardaram.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.

O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém, e vá em frente pelo seu caminho”.

ATIVIDADE 2B – ANÁLISE COLETIVA DE TRECHO DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Leia em parceria com seu(sua) professor(a), observando os sinais de pontuação utilizados pelo autor do texto:

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

ABREU, A.R. et al. Alfabetização: livro do aluno v.2: contos, fábula, lendas e mitos. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. n.2.

ATIVIDADE 2C – ANÁLISE EM DUPLAS DE TRECHO DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Agora é hora de colocar em prática o que você aprendeu. Junto com seu colega, analisem o trecho do conto “Chapeuzinho Vermelho” e tentem descobrir o porquê de cada sinal de pontuação:

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro, e tão escuro... faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

ABREU, A.R. et al. Alfabetização: livro do aluno v.2: contos, fábula, lendas e mitos. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. n.2.

ATIVIDADE 2D – ELABORAÇÃO DO QUADRO SÍNTESE SOBRE O USO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Agora é hora de preencher o quadro com os sinais de pontuação encontrados no texto da “Chapeuzinho Vermelho”. Junto com seu colega, preencham o quadro com os sinais de pontuação encontrados e a função de cada um no texto:

Sinais de Pontuação encontrados	Função do sinal de pontuação no trecho analisado

Projeto Didático

Contos e encantos

Etapa 1 – Apresentação do projeto didático

ATIVIDADE 1 – CONHECENDO O PROJETO DIDÁTICO

Nesta atividade, em uma roda de conversa, vocês conhecerão o Projeto Didático “Contos e Encantos”, como será desenvolvido e também os contos que serão lidos, algumas de suas informações e dados da história.

Etapa 2 – Leitura colaborativa com análise dos recursos linguísticos

Nesta etapa, você e seus colegas, com auxílio de seu(sua) professor(a), irão realizar algumas leituras colaborativas para analisarem alguns recursos linguísticos.

ATIVIDADE 2A – LEITURA EM VOZ ALTA PELO(A) PROFESSOR(A) DO CONTO – “A BRUXA E O CALDEIRÃO”

Na atividade 2A, vocês ouvirão a leitura a ser realizada pelo(a) professor(a), para conhecerem um pouco o autor que escreveu a história, comentando-a e indicando partes de que tenham gostado.

ATIVIDADE 2B – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DOS RECURSOS LINGUÍSTICOS UTILIZADOS PELO AUTOR NO CONTO “A BRUXA E O CALDEIRÃO”

Leia o texto “A Bruxa e o Caldeirão” em parceria com o(a) seu(sua) professor(a) e colegas da turma e acompanhe as orientações para a análise dos recursos linguísticos.

A BRUXA E O CALDEIRÃO

José Leon Machado

Quando preparava uma sopa com uns olhinhos de couve para o jantar, a bruxa constatou que o caldeirão estava furado. Não era muito, não senhor. Um furo pequeníssimo, quase invisível. Mas era o suficiente para pinga que pinga, ir vertendo os líquidos e ir apagando o fogo. Nunca tal lhe tinha sucedido.

Foi consultar o livro de feitiços, adquirido no tempo em que andara a tirar o curso superior de bruxaria por correspondência, folheou-o de ponta a ponta, confirmou no índice e nada encontrou sobre a forma de resolver o caso. Que havia de fazer? Uma bruxa sem caldeirão era como padeiro sem forno. De que forma poderia ela agora preparar as horríveis poções?

Para as coisas mais corriqueiras tinha a reserva dos frascos. Mas se lhe aparecia um daqueles casos em que era necessário preparar na hora uma mistela? Como o da filha de um aldeão que engolira uma nuvem e foi preciso fazer um vomitório especial com trovisco, rosmaninho, três dentes de alho, uma semente de abóbora seca, uma asa de morcego e cinco aparas de unhas de gato.

Se a moça vomitou a nuvem? Pois não haveria de vomitar? Com a potência do remédio, além da nuvem, vomitou uma grande chuvada de granizo que furou os telhados das casas em redor.

Era muito aborrecido aquele furo no caldeirão. Nem a sopa do dia a dia podia cozinhar. Mantinha-se a pão e água, que remédio, enquanto não encontrasse uma forma de resolver o caso.

Matutou dias seguidos no assunto e começou a desconfiar se o mercador que lhe vendera o caldeirão na feira há muitos anos atrás não a teria enganado com material de segunda categoria. A ela, bruxa inexperiente a dar os primeiros passos nas artes mágicas, podia facilmente ter-lhe dado um caldeirão com defeito.



Fonte: <https://pixabay.com/pt/vectors/search/bruxa/> Acesso em: 29 out. 2019.

MACHADO, J.L. A bruxa e o caldeirão. Edições Vercial, out. 2003. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pv00001a.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

ATIVIDADE 2B – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DOS RECURSOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PELO AUTOR NO CONTO “A BRUXA E O CALDEIRÃO” – CONTINUAÇÃO

Decidiu então ir à próxima feira e levar o caldeirão ao mercador. Procurando na seção das vendas de apetrechos de cozinha, a bruxa verificou que o mercador já não era o mesmo. Era neto do outro e, claro, não se lembrava – nem podia – das tropelias comerciais do seu falecido avô. Ficou desapontada. Perguntou-lhe, todavia, o que podia fazer com o caldeirão furado. O mercador mirou-o, sopesou-o com ambas as mãos e disse:

— Este está bom é para você pôr no pé da porta **a fazer de vaso**. Com uns pés de sardinheiras ficava bem bonito.

A bruxa irritou-se com a sugestão e, **não fosse a gente toda ali na feira a comprar e a vender, transformava-o em onagro**. Acabou por dizer:

— A solução parece boa, sim senhor. Mas diga-me cá: **se ponho o caldeirão a fazer de vaso, onde cozinho eu depois?**

— Neste novo que **aqui tenho** com um preço muito em conta...

A bruxa olhou para o caldeirão que o mercador **lhe** apontava, **sobressaindo num monte de muitos outros, de um brilhante avermelhado, mesmo a pedir que o levassem**. A bruxa, que tinha os seus **brios de mulher, ficou encantada**.

O mercador aproveitou a ocasião para tecer os maiores elogios **ao artigo**, gabando a dureza e a grossura do cobre, os rendilhados da barriga, o feito da asa em meia lua, a capacidade e o peso, tão leve como um bom caldeirão podia ser, fácil de carregar para qualquer lado.

— Pois bem, levo-o.

O mercador esfregou as mãos de contente.

— Mas aviso-o – acrescentou a bruxa. – Se **lhe** acontecer o mesmo que ao outro, pode ter certeza de que o transformarei em sapo.

O mercador riu-se do disparate enquanto embrulhava o artigo.

Os anos foram passando e a bruxa continuou no seu labor. Até que um dia deu por um furo no novo e agora velho caldeirão. Rogou uma praga tamanha que o neto do segundo mercador que **lho vendera**, a essa hora, em vez de estar a comer o caldo na mesa com a família, estava num charco a apanhar moscas.

MACHADO, J.L. **A bruxa e o caldeirão**. Edições Vercial, out. 2003. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/pv00001a.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

ATIVIDADE 2C – LEITURA EM VOZ ALTA DO CONTO – “JOÃOZINHO-SEM-MEDO”, DE ÍTALO CALVINO

Leia juntamente com seu(sua) professor(a) o texto “Joãozinho-sem-medo”:

JOÃOZINHO-SEM-MEDO

Era uma vez um menino chamado Joãozinho-sem-medo, pois não tinha medo de nada. Andando pelo mundo, pediu abrigo em uma hospedaria.

— Aqui não tem lugar — disse o dono. — Mas, se você não tem medo, posso mandá-lo para um palácio.

— Por que eu sentiria medo?

— Porque ali todo mundo sente. Ninguém saiu de lá, a não ser morto. De manhã, a Companhia leva o caixão para carregar quem teve a coragem de passar a noite lá.

Imaginem Joãozinho! Levou um candeeiro, uma garrafa, uma linguixa, e lá se foi.

À meia-noite, estava comendo sentado à mesa, quando ouviu uma voz saindo da chaminé:

— Jogo?

E Joãozinho respondeu:

— Jogue logo!

Da chaminé desceu uma perna de homem. Joãozinho bebeu um copo de vinho.

Depois a voz tornou a perguntar:

— Jogo?

E Joãozinho:

— Jogue logo!

E desceu outra perna de homem. Joãozinho mordeu a língua. De novo:

— Jogo?

— Jogue logo!

E desceu um braço. Joãozinho começou a assobiar.

— Jogo?

— Jogue logo!

Outro braço.

— Jogo?

— Jogue!

E caiu um corpo, que se colou nas pernas e nos braços, ficando em pé um homem sem cabeça.

— Jogo?

— Jogue!

Caiu a cabeça e pulou em cima do corpo. Era um homenzarrão gigantesco, e Joãozinho levantou o copo dizendo:

— À saúde!

O homenzarrão disse:

— Pegue o candeeiro e venha.

Joãozinho pegou o candeeiro, mas não se mexeu.

— Passe na frente! — disse Joãozinho.

— Você! — disse o homem.

— Você. — disse Joãozinho.

Então, o homem se adiantou e, de sala em sala, atravessou o palácio, com Joãozinho atrás, iluminando o caminho. Embaixo de uma escadaria havia uma portinhola.

— Abra! — disse o homem a Joãozinho.

E Joãozinho:

— Abra você!

E o homem abriu com um empurrão. Havia uma escada em caracol.

— Desça — disse o homem.

— Primeiro você — disse Joãozinho.

Desceram a um subterrâneo e o homem indicou uma laje no chão.

— Levante!

— Levante você! — disse Joãozinho.

E o homem a ergueu como se fosse uma pedrinha. Embaixo da laje havia três tigelas cheias de moedas de ouro.

— Leve para cima! — disse o homem.

— Leve para cima você! — disse Joãozinho.

E o homem levou uma de cada vez para cima. Quando foram de novo para a sala da chaminé, o homem disse:

— Joãozinho, quebrou-se o encanto!

E arrancou-se uma perna, que saiu esperneando pela chaminé.

— Destas tigelas, uma é sua.

Arrancou-se um braço, que trepou pela chaminé.

— Outra é para a Companhia, que virá buscá-lo pensando que está morto.

Arrancou-se também o outro braço, que acompanhou o primeiro.

— A terceira é para o primeiro pobre que passar.

Arrancou-se outra perna e ele ficou sentado no chão.

— Pode ficar com o palácio também.

Arrancou-se o corpo e ficou só a cabeça no chão.

— Porque se perdeu para sempre a estirpe dos proprietários deste palácio.

E a cabeça se ergueu e subiu pelo buraco da chaminé.

Assim que o céu clareou, ouviu-se um canto:

— Miserere mei, miserere mei.

Era a Companhia com o caixão, que vinha recolher Joãozinho morto. E o viram na janela, fumando cachimbo.

Joãozinho-sem-medo ficou rico com aquelas moedas de ouro e morou feliz no palácio. Até um dia em que, ao se virar, viu sua sombra e levou um susto tão grande que morreu.

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. v.2

ATIVIDADE 2D – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DE TRECHO DO TEXTO “JOÃOZINHO-SEM-MEDO”

Em duplas, analisem o trecho do texto a seguir e realizem as tarefas:

1. Identifiquem de quem são as falas GRIFADAS e anotem como descobriram isso.
2. Discutam e anotem as palavras ou pistas que indicam quem fala.

E o homem levou uma de cada vez para cima. Quando foram de novo para a sala da chaminé, o homem disse:

— Joãozinho, quebrou-se o encanto!

E arrancou-se uma perna, que saiu esperneando pela chaminé.

— Destas tigelas, uma é sua.

Arrancou-se um braço, que trepou pela chaminé.

— Outra é para a Companhia, que virá buscá-lo pensando que está morto.

Arrancou-se também o outro braço, que acompanhou o primeiro.

— A terceira é para o primeiro pobre que passar.

Arrancou-se outra perna e ele ficou sentado no chão.

— Pode ficar com o palácio também.

Arrancou-se o corpo e ficou só a cabeça no chão.

— Porque se perdeu para sempre a estirpe dos proprietários deste palácio.

E a cabeça se ergueu e subiu pelo buraco da chaminé.

Assim que o céu clareou, ouviu-se um canto:

— Miserere mei, miserere mei.

Era a Companhia com o caixão, que vinha recolher Joãozinho morto. E o viram na janela, fumando cachimbo.

Joãozinho-sem-medo ficou rico com aquelas moedas de ouro e morou feliz no palácio. Até um dia em que, ao se virar, viu sua sombra e levou um susto tão grande que morreu.

ATIVIDADE 2E – LEITURA EM VOZ ALTA DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES

Versão de Suely M. Brazão

Numa distante cidade do Oriente, vivia um homem bom e justo, chamado Ali Babá.

Ali Babá era muito pobre. Morava numa tenda, entre um vasto deserto e um grande oásis.

Para sustentar a mulher, Samira, e os quatro filhos, Ali Babá oferecia seus serviços às caravanas de mercadores que passavam por ali. Estava sempre pronto para cuidar dos camelos, lavá-los, escová-los e dar-lhes água e alimento.

Os ricos comerciantes já conheciam Ali Babá e gostavam muito de seu serviço. Ele sempre cobrava o preço justo pelo trabalho, porém, muitas vezes, os mercadores davam-lhe mais, pois sabiam que ele vivia em dificuldades.

— Aqui estão dez moedas de prata para você, Ali Babá. E obrigado por ter cuidado tão bem dos meus camelos.

— Mas, senhor, são só cinco moedas que costumo cobrar — respondia honestamente Ali Babá.

— Sim, eu sei, meu bom homem. Mas quero gratificá-lo.

— Obrigado, patrão, agradeço em nome dos meus filhos.

Samira, em casa, também trabalhava muito. Além de cuidar dos filhos e das tarefas do lar, remendava a tenda, que já era velha, e cuidava de uma horta, plantando tudo que podia, preocupada em economizar.

— Veja, Samira! Veja, minha mulher! Hoje os homens da caravana foram generosos. Deram-me dez moedas!

— Graças a Alá! Agora poderemos comprar uma túnica nova para Ben e outra para Ornar. Eles têm passado frio.

— Sim, Samira, amanhã mesmo vou fazer isso. A caravana vai embora ainda hoje, e até o mês que vem não terei mais trabalho...

Era difícil a vida de Ali Babá! As caravanas não eram constantes, e havia épocas em que, devido às tempestades de areia no deserto, os mercadores levavam dois ou três meses para passar por ali.

Para que sua mulher e seus filhos não passassem necessidades, Ali Babá procurava fazer outros trabalhos. Com eles garantia, pelo menos, a compra de leite, pão, azeite e alguma carne.

Assim, quando não havia caravanas, Ali Babá entrava numa floresta que fazia parte do oásis, entre o deserto e a cidade. Lá ele colhia tâmaras e damascos, colocava-os em cestos e depois ia vendê-los no grande bazar da cidade.

“Que bom! Hoje consegui apanhar meio cesto de frutas. Mas já é tarde. Não consigo mais enxergar. Amanhã mando meu filho Anuar ir vendê-las na cidade e volto aqui para pegar mais. Vou ver se encho dois cestos”, pensou Ali Babá.

No dia seguinte, bem cedinho, lá se foi Ali Babá com seus cestos vazios, disposto a enchê-los de tâmaras e damascos.

Estava no alto de uma tamareira quando ouviu um rumoroso tropel de cavalos “Muito estranho, esse barulho de patas de cavalos”, refletiu. “Sempre vejo passarem camelos por aqui”. O ruído, cada vez mais forte, indicava que os cavaleiros estavam se aproximando.

Ali Babá continuava curioso. “Quem será que vem chegando? Parecem muitos... E para onde será que vão? Entrar no deserto a cavalo é impossível! Esses animais não aguentariam o calor!”.

Não demorou muito, Ali Babá avistou os cavaleiros. Eram, de fato, muitos. Do alto da tamareira, o bom homem contou exatamente quarenta.

“Puxa! Eles parecem estar com pressa... E estão bem carregados. Todos os cavalos levam arcas, cofres e sacos... Devem ser mercadores da cidade. Bem, vou tratar do meu trabalho, pois o dia passa depressa.”

Mais ou menos uma hora depois, os homens voltaram com seus cavalos ruidosos.

Ali Babá, que arrumava seus cestos, tratou de se esconder, com medo de que o vissem. Afinal, não conhecia aqueles homens, nem sabia exatamente o que faziam.

“Lá vão eles. Não são mesmo homens do deserto. Estão voltando para o lado da cidade. O mais curioso é que já descarregaram os cavalos. Onde terá ficado toda aquela bagagem?”

Os cavaleiros logo sumiram por entre a mata, pois os cavalos, agora aliviados da carga, corriam muito mais.

O dia passou. Ali Babá, contente com seus cestos de frutas, foi para casa descansar.

— Pai, consegui vender todas as tâmaras no bazar. Pena que Ben, Ornar e Hassan não foram comigo. Teríamos nos espalhado por lá, cada um com um cesto, e vendido as frutas mais depressa.

— Então, amanhã vão os quatro. Hoje eu trouxe muito mais do que ontem. Vejam se conseguem vender tudo. Enquanto forem ao bazar, irei outra vez para a floresta e pegarei mais frutas.

— Está bem, papai.

Na manhã seguinte, lá se foi novamente Ali Babá. Que calor fazia! Ele nem se lembrava mais dos homens a cavalo que vira na véspera. Tanto se esquecera, que nem comentara o fato com Samira.

Ali Babá começou logo a apanhar suas frutas. Por volta do meio-dia, já cansado, se sentou à sombra de uma palmeira, para comer o lanche.

De repente, ouviu ao longe o mesmo barulho da véspera. Apurou o ouvido e teve certeza: eram cavalos que se aproximavam. Seriam os mesmos homens do dia anterior? Se fossem, estavam passando um pouco mais tarde.

Quando Ali Babá percebeu que o tropel estava próximo, subiu rapidamente na palmeira e constatou: eram os mesmos quarenta homens. Para onde iriam? “Hoje vou atrás deles. Quero ver para onde vão. Não devem ir muito longe daqui... Estão carregados outra vez.”

Ali Babá teve sorte. Enquanto descia da palmeira para tomar a estrada e seguir o rastro dos cavalos, o chefe dos cavaleiros resolveu parar, para os animais beberem água. Quando Ali Babá chegou, os homens estavam começando a se levantar para continuar o caminho.

“Agora posso vê-los de perto”, pensou Ali Babá. “Que gente esquisita... São tão mal-encarados... E todos armados com facas e cimitarras...”

— Vamos, vamos! Chega de folga! Temos de descarregar tudo isso que roubamos hoje e voltar logo para a cidade. Amanhã é outro dia! — disse o chefe.

“Por Alá! Eles são ladrões!” concluiu Ali Babá. “Que perigo! Se me descobrirem, certamente me matarão. Estão armados até os dentes! Mas, agora que já estou aqui, vou continuar atrás deles. Quero ver para onde vão.”

Refeitos, os cavalos puseram-se a galopar, Ali Babá teve de correr muito, para não perdê-los de vista. Conseguiu chegar ao lugar em que haviam parado e viu que somente o chefe descera do cavalo.

Era uma clareira na floresta, no fundo da qual havia uma pedreira, não muito alta.

Os trinta e nove ladrões continuavam montados, dispostos em semicírculo, voltados de frente para a pedreira. O chefe, em pé, segurando as rédeas do cavalo, ficou bem no meio. Com ar solene, deu uma ordem:

— Abre-te, Sésamo!

Ali Babá não conseguia entender o que estava acontecendo. Por que os ladrões estavam ali, num lugar deserto, onde não havia nada e ninguém? Por que ficavam dispostos daquela maneira? E que significado tinha aquela frase que o chefe falara?

Ele esperou apenas alguns segundos, para obter as respostas a todas essas perguntas. Logo depois da ordem dada pelo chefe, uma grande rocha da pedreira se moveu, abrindo a entrada de uma gruta. Os quarenta ladrões entraram em fila e, atrás do último, a pedreira se fechou.

“Não acredito no que estou vendo... Agora compreendo tudo! Eles devem guardar os objetos roubados dentro dessa gruta que se abre e se fecha. Por isso, ontem, os cavalos voltaram descarregados. Vou ficar escondido atrás desta árvore. Eles terão de sair daí de dentro, pois acho que voltarão à cidade”, decidiu Ali Babá.

E esperou, esperou, esperou, até que ouviu o barulho da pedra se movendo.

“Ai vem eles!”, agitou-se Ali Babá. “Já devem estar de saída. Vou prestar atenção para ver como fazem para fechar a entrada da gruta.”

Os ladrões saíram em fila. Dessa vez, o último foi o chefe.

— Bem, já estão todos prontos? Então, vamos!

E, voltando-se para a grande pedra, falou:

— Fecha-te Sésamo!

A pedra rolou direitinho, fechando a entrada do esconderijo. Os ladrões pegaram a mesma picada e, rapidamente, com seus cavalos a galope, desapareceram entre as árvores da floresta.

Ali Babá esperou assentar a poeira levantada pelos animais e saiu de trás da árvore.

“Agora, vou entrar lá. Direi as mesmas palavras do chefe dos ladrões. Sésamo deve ser o nome dessa pedreira. Será que ela me obedecerá, ou será que só atende às ordens dele? Bem, vou experimentar. Vamos ver o que acontece!”

Colocando-se na mesma posição do ladrão, arriscou:

— Abre-te, Sésamo!

A grande pedra rolou, abrindo a entrada da gruta. Ali Babá entrou imediatamente e ficou maravilhado com o tesouro que lá havia.

“Que beleza! Quanto ouro! Quantas pedras preciosas! Quantas moedas! E pensar que há tanta gente pobre, passando necessidades, sem casa, sem roupa, sem comida. De quem será que eles roubam tanta riqueza? Deve ser das caravanas.” Ali Babá deu uma volta por dentro da gruta, que era iluminada por tochas.

Quando já estava de saída, lembrou-se de que tinha, preso na cintura, o saquinho de pano, onde trouxera uns pedaços de pão para o almoço.

“E se eu levasse algumas dessas moedas de ouro em meu saquinho? Acho que os ladrões nem perceberiam. Eles têm tanto... Mas isto seria um roubo. Eu seria um ladrão, roubando ladrões.”

Depois, pensando na vida difícil da mulher e dos filhos, encheu seu saquinho com pesadas moedas de ouro e foi embora. Na saída, repetiu as palavras mágicas:

— Fecha-te, Sésamo!

Ali Babá voltou ao lugar onde estivera colhendo frutas, pegou os cestos e foi para casa. No caminho, pensava nas moedas. Que iria fazer com elas?

Onde poderia guardá-las? Quando nada possuía, não tinha medo de ser roubado. Agora, de posse das moedas, já começava a temer os assaltantes.

“Acho que vou conversar com meu irmão Ali Mansur. Ele é rico... Saberá me dizer o que posso fazer com as moedas...”

Ali Mansur, o único irmão de Ali Babá, era um rico comerciante de tapetes. Sua loja era a maior e a melhor da cidade. Mas Ali Mansur era um homem mesquinho e ambicioso. Quanto mais tinha, mais queria. E nunca ajudava o pobre irmão, nem seus filhos.

Ali Babá chegou em casa, jantou e disse a Samira que ia visitar o irmão.

Ao ouvir a história da gruta que se abria, Ali Mansur pensou que o irmão estivesse brincando. Depois, como Ali Babá insistisse, começou a achar que ele estava com febre. Só acreditou em tudo aquilo quando o irmão lhe mostrou o saquinho com as moedas de ouro. Os olhos de Ali Mansur reluziam de cobiça, avaliando o peso de cada uma.

— Ali Babá, diga-me exatamente onde é esse lugar e o que se deve dizer para abrir e fechar a pedra. Amanhã vou até lá!

— Não, Mansur, não vá. É perigoso. Os ladrões podem aparecer a qualquer momento. Nunca mais ponho meus pés naquele lugar horrível. Já estou arrependido por ter tirado essas moedas. Dinheiro que não vem do trabalho não é honesto.

— Deixe de ser bobo, Ali Babá. Se não quiser as moedas, deixe-as comigo. Sei muito bem como e onde usá-las.

Ali Babá foi para casa. Naquela noite nem conseguiu dormir, tamanha era sua preocupação.

— Que aconteceu, Ali Babá? Por que está tão nervoso? — perguntou Samira, percebendo a apreensão do marido.

O bom homem contou tudo à mulher, inclusive a conversa que tivera com o irmão. Samira então lhe respondeu:

— Ora, meu marido, você não seria desonesto pegando um pouquinho daquela fortuna. Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão...

Na manhã seguinte, bem cedo, Ali Mansur saiu de sua rica casa, com dez mulas e vinte cestos, e tomou o caminho da pedreira. Lá chegando, ordenou que a gruta se abrisse e entrou.

“Que maravilha! Vou encher os vinte cestos com jóias, ouro, pedras e moedas. Amanhã virei buscar mais!”

Como Ali Mansur estava sozinho, demorou muito para carregar as mulas. Demorou tanto, que os ladrões chegaram e...

— Fomos descobertos! A porta de Sésamo está aberta. Saquem as espadas! — gritou o chefe dos ladrões.

E eles não perdoaram o ambicioso homem, que foi morto com vários golpes.

Os ladrões descarregaram seus cavalos mas, como já era tarde, nem retiraram os cestos dos lombos das mulas de Ali Mansur, trancando-as dentro da pedreira.

Quando anoiteceu, a cunhada de Ali Babá foi à casa dele. Estava muito preocupada com o marido, que saíra cedo e ainda não voltara.

— Amanhã vou procurá-lo, Salima, não se preocupe — disse Ali Babá, pois já sabia para onde seu irmão tinha ido.

No dia seguinte, Ali Babá nem levou seus cestos para colher tâmaras e damascos. Foi diretamente procurar o irmão em Sésamo, pois Mansur nunca jogaria fora uma oportunidade para ficar mais rico.

— Abre-te Sésamo! — ordenou Ali Babá.

Dentro da pedreira, o bom homem chorou ao encontrar o irmão morto, todo ensanguentado. Vendo as mulas carregadas de riquezas, Ali Babá logo percebeu o que havia acontecido. Arrastou o corpo do irmão para fora, enterrou-o na floresta e voltou a Sésamo para pegar as mulas e entregá-las a Salima.

Estava começando a aliviá-las dos cestos cheios de riquezas quando se lembrou das palavras de sua mulher: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão...”. “Sou tão pobre...”, pensou. “Nem casa tenho. Meus filhos e minha mulher não têm roupas para se agasalhar. Há dias em que não temos o que comer... Acho que Alá me perdoaria, se eu levasse apenas dois destes cestos que meu irmão encheu...”

Assim pensando, Ali Baba saiu de Sésamo com dez mulas, dezoito cestos vazios e dois cheios. À tarde, quando os ladrões voltaram à pedreira, perceberam tudo.

— Alguém mais conhece nosso segredo, companheiros! — disse o chefe. — Estiveram aqui, levaram o homem morto, as mulas e ainda pegaram algumas das nossas jóias e moedas. Pois, a partir de hoje, fiquem de olho! Quero vingança! Logo vamos notar se alguém ficou rico de uma hora para outra. É muito fácil identificar os novos ricos...

Um mês depois, Ali Babá comprou uma casa na cidade, dois belos cavalos, pôs os filhos na escola e adquiriu móveis, roupas e utensílios novos. Em sua casa não faltava mais comida e, uma vez por semana, ele distribuía pão e leite para os pobres.

Um dos ladrões, encarregado de fiscalizar a vida dos moradores daquele lado da cidade, percebeu a generosidade de Ali Babá e perguntou a um vizinho:

— De onde veio esse homem tão bom? — Ah, chama-se Ali Babá. Era um pobre coitado que cuidava dos camelos das caravanas e vendia frutas no bazar.

De repente, apareceu com moedas de ouro, colares de esmeraldas e pulseiras de rubi. Ele vendeu as joias e comprou a casa, os cavalos, as roupas, tudo! Ninguém sabe onde arranjou tanta riqueza. Acho que ganhou de algum mercador, por ser muito honesto...

O ladrão correu para seu chefe e disse:

— Achei o homem! Chama-se Ali Babá! Agora o senhor poderá se vingar.

No dia seguinte, o chefe dos ladrões se disfarçou de mercador, preparou vinte mulas, cada uma carregando dois enormes jarros de barro, e foi bater na casa de Ali Babá.

— Boa tarde, meu bom homem. Sou um mercador de azeite. Acabei de atravessar o deserto. Será que posso descansar um pouco em sua casa com minhas mulas?

— Sim, entre, por favor — disse Ali Babá — Deixe as mulas no pátio para tomarem água.

— Obrigado. Vou descarregá-las para que descansem até amanhã. Tenho de levar todo o azeite que está nestes quarenta jarros até a cidade de Bagdá, que é bem longe daqui.

— Amanhã o senhor pensará nisso. Agora, venha. Quero que tome um banho e jante com minha família, antes de dormir.

Ali Babá pediu para Samira preparar carne com azeitonas e salada com trigo para o visitante. Apresentou-lhe seus quatro filhos e ficaram conversando animadamente.

Na cozinha, Samira percebeu que não tinha mais azeite para temperar a salada.

— Anuar, venha cá! — chamou a mulher. — Vá comprar azeite.

— Mas, mãe, agora é tarde. Já está tudo fechado.

— Por Alá! E o que vou fazer? Com que vou temperar a salada para o mercador?

— Ora, mãe, ele não está carregando azeite naqueles jarros enormes? Pois é muito fácil: desça até o pátio e pegue um pouquinho.

— Bem, não há outro jeito. É o que vou fazer.

Samira desceu até ao pátio de sua casa. As mulas já estavam todas recolhidas ao estábulo. Os quarenta jarros permaneciam no meio da área, iluminados por uma grande lua cheia.

Ao chegar perto de um deles, Samira ficou estupefata. Uma voz, vinda de dentro do jarro, perguntou:

— Já está na hora de matarmos Ali Babá e sua família?

Samira não sabia o que fazer. Se se afastasse bruscamente, poderia levantar suspeitas. Chegou então perto do outro jarro, esperando nova pergunta, mas nada! Tudo ficou em silêncio. O segundo jarro estava mesmo cheio de azeite. Então, a conclusão de Samira foi rápida: ela sabia que os ladrões de Sésamo eram quarenta. Ora, em trinta e nove daqueles quarenta jarros enormes havia homens escondidos e apenas um deles continha azeite. E o visitante que estava dentro de sua casa era, sem dúvida, o chefe dos ladrões. Ele trouxera azeite num dos jarros porque, se alguém lhe pedisse, ele poderia provar que era um mercador.

Samira saiu de casa na mesma hora e foi chamar os guardas do palácio do sultão, que não ficava muito longe dali.

Depois, voltou depressa para casa, foi à cozinha e preparou um sonífero perfumado, à base de ervas do oásis.

Em seguida, desceu novamente ao pátio e despejou um pouco do sonífero em cada um dos trinta e nove jarros.

Quando terminou, viu que os guardas já haviam chegado. Mandou-os entrar e ficar aguardando do lado de fora da sala, onde Ali Babá conversava com o chefe dos ladrões.

Esperou mais alguns minutos e, ao ter certeza de que todos os ladrões dormiam profundamente dentro dos jarros, entrou na sala e disse:

— Ali Babá! Tenha cuidado! Este homem é o chefe dos ladrões de Sésamo!

— Mas... mas — balbuciou o marido, incrédulo.

— Sim, sou eu! — disse o ladrão.

E, tirando um punhal da cintura acrescentou:

— Agora, vocês vão morrer!

Nesse momento, os guardas entraram na sala, desarmaram e prenderam o homem.

Enquanto descia, já preso, o chefe dos ladrões viu todos os seus companheiros amarrados e amontoados no chão, dormindo que dava gosto.

Ali Babá e Samira foram ao palácio do sultão e contaram toda a história de Sésamo, pedindo a ele que distribuísse aquela riqueza aos pobres da cidade.

O sultão concordou com o casal, mas fez questão de dar a Ali Babá um terço de tudo que havia dentro da pedreira.

Assim, graças à bondade de Ali Babá e à inteligência de Samira, nunca mais houve pobres naquela cidade.

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. v.2.

ATIVIDADE 2F – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DO TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

Analise coletivamente o papel dos sinais de pontuação na construção dos sentidos do texto. A partir das perguntas feitas pelo(a) professor(a), preencha o quadro com as respostas.

<p>Colocando-se na mesma posição do ladrão, arriscou:</p> <p>— Abre-te, Sésamo!</p> <p>A grande pedra rolou, abrindo a entrada da gruta. Ali Babá entrou imediatamente e ficou maravilhado com o tesouro que lá havia.</p>	
<p>“Que beleza! Quanto ouro! Quantas pedras preciosas! Quantas moedas! E pensar que há tanta gente pobre, passando necessidades, sem casa, sem roupa, sem comida. De quem será que eles roubam tanta riqueza? Deve ser das caravanas.” Ali Babá deu uma volta por dentro da gruta, que era iluminada por tochas.</p>	
<p>“E se eu levasse algumas dessas moedas de ouro em meu saquinho? Acho que os ladrões nem perceberiam. Eles têm tanto... Mas isto seria um roubo. Eu seria um ladrão, roubando ladrões.”</p>	
<p>Depois, pensando na vida difícil da mulher e dos filhos, encheu seu saquinho com pesadas moedas de ouro e foi embora. Na saída, repetiu as palavras mágicas:</p> <p>— Fecha-te, Sésamo!</p>	

ATIVIDADE 2G – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DO TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

Releia, em dupla com seu colega, o trecho do conto “Ali Babá e os quarenta ladrões” e depois responda às perguntas, registrando as respostas no quadro:

“Ali Babá chegou em casa, jantou e disse a Samira que ia visitar o irmão.

Ao ouvir a história da gruta que se abria, Ali Mansur pensou que o irmão estivesse brincando. Depois, como Ali Babá insistisse, começou a achar que ele estava com febre. Só acreditou em tudo aquilo quando o irmão lhe mostrou o saquinho com as moedas de ouro. Os olhos de Ali Mansur reluziam de cobiça, avaliando o peso de cada uma.

— Ali Babá, diga-me exatamente onde é esse lugar e o que se deve dizer para abrir e fechar a pedra. Amanhã vou até lá!

— Não, Mansur, não vá. É perigoso. Os ladrões podem aparecer a qualquer momento. Nunca mais ponho meus pés naquele lugar horrível. Já estou arrependido por ter tirado essas moedas. Dinheiro que não vem do trabalho não é honesto.

— Deixe de ser bobo, Ali Babá. Se não quiser as moedas, deixe-as comigo. Sei muito bem como e onde usá-las.

Ali Babá foi para casa. Naquela noite nem conseguiu dormir, tamanha era sua preocupação.

— Que aconteceu, Ali Babá? Por que está tão nervoso? — perguntou Samira, percebendo a apreensão do marido.

O bom homem contou tudo à mulher, inclusive a conversa que tivera com o irmão. Samira então lhe respondeu:

— Ora, meu marido, você não seria desonesto pegando um pouquinho daquela fortuna. Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão...

Na manhã seguinte, bem cedo, Ali Mansur saiu de sua rica casa, com dez mulas e vinte cestos, e tomou o caminho da pedreira. Lá chegando, ordenou que a gruta se abrisse e entrou.

“Que maravilha! Vou encher os vinte cestos com joias, ouro, pedras e moedas. Amanhã virei buscar mais!”

Como Ali Mansur estava sozinho, demorou muito para carregar as mulas. Demorou tanto, que os ladrões chegaram e...

— Fomos descobertos! A porta de Sésamo está aberta. Saquem as espadas! — gritou o chefe dos ladrões.

E eles não perdoaram o ambicioso homem, que foi morto com vários golpes.

Os ladrões descarregaram seus cavalos, mas, como já era tarde, nem retiraram os cestos dos lombos das mulas de Ali Mansur, trancando-as dentro da pedreira.

Quando anoiteceu, a cunhada de Ali Babá foi à casa dele. Estava muito preocupada com o marido, que saíra cedo e ainda não voltara.

— Amanhã vou procurá-lo, Salima, não se preocupe — disse Ali Babá, pois já sabia para onde seu irmão tinha ido.

No dia seguinte, Ali Babá nem levou seus cestos para colher tâmaras e damascos. Foi diretamente procurar o irmão em Sésamo, pois Mansur nunca jogaria fora uma oportunidade para ficar mais rico. [...]

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. v.2

ATIVIDADE 2G – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DO TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES” – CONTINUAÇÃO

Refletindo sobre o Texto:	Registro das Reflexões
Como podemos identificar o tempo e a passagem dele no texto? Quais palavras nos dão as pistas?	
Neste trecho, em quais locais a história acontece? (Grifem de amarelo no texto.)	
Quem conta essa história? É Ali Babá? Como podemos saber?	
Quem são os personagens que aparecem no trecho lido?	
Quais episódios são contados no trecho lido?	

Etapa 3 – Reescrita em duplas

Na etapa 3, você e seus colegas, com auxílio do(a) professor(a), terão o desafio de reescrever um trecho do conto “Ali Babá e os quarenta ladrões”, recuperando os episódios e sua sequência do texto lido, procurando ainda evitar que faltem informações e trechos no texto.

ATIVIDADE 3A – LEITURA DE TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

A atividade 3A propõe que você e seu(sua) colega, com ajuda do(a) professor(a), compreendam os episódios, observem a sequência de acontecimentos e entendam o que leem. Vocês precisarão conhecer bem a história, pois, na próxima aula, farão o reconto do trecho.

ATIVIDADE 3B – RECONTO DO TRECHO LIDO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

Você e seus colegas, nesta atividade, recontarão a história como se fossem escritores, resgatando parte por parte do trecho do texto lido.

ATIVIDADE 3C – RECUPERAÇÃO DOS EPISÓDIOS E PLANEJAMENTO DO TRECHO QUE SERÁ PRODUZIDO

Nesta atividade, você e seus colegas, junto com seu(sua) professor(a), irão fazer uma lista dos episódios do trecho a ser reescrito. Essa lista irá auxiliá-los na reescrita do texto na próxima atividade.

ATIVIDADE 3E – REVISÃO COLETIVA COM FOCO NOS RECURSOS DISCURSIVOS

Nesta atividade, você e seus colegas irão sugerir alterações no texto que será analisado, para melhorar a linguagem e torná-lo bem-escrito.

ATIVIDADE 3F – REVISÃO EM DUPLAS

Nesta atividade, você e seu(sua) colega irão reler e revisar o texto que escreveram, seguindo as dicas assinaladas pelo(a) professor(a).

Etapa 4 – Reescrita individual

ATIVIDADE 4 A – LEITURA EM VOZ ALTA DE NOVO TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

Nesta atividade, seu(sua) professor(a) irá ler, em voz alta, um novo trecho do conto “Ali Babá e os quarenta ladrões”. Preste bastante atenção, pois você deverá conhecer bem esse trecho para realizar a reescrita.

ATIVIDADE 4 B – RECONTO DO TRECHO LIDO PELO(A) PROFESSOR(A) DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

Você e seus colegas, nesta atividade, recontarão a história como se fossem os escritores, resgatando parte por parte do trecho do texto lido.

ATIVIDADE 4 C – RECUPERAÇÃO DOS EPISÓDIOS E PLANEJAMENTO DO TRECHO QUE SERÁ PRODUZIDO

Nesta atividade, você e seus colegas, junto com seu(sua) professor(a), irão fazer uma lista dos episódios do trecho a ser reescrito.

ATIVIDADE 4E – REVISÃO COLETIVA

Nesta atividade, você e seus colegas irão refletir coletivamente sobre algumas expressões que o autor utilizou no texto, a fim de deixá-lo mais significativo e para que os leitores possam atribuir sentido ao que leem. Para tanto, vocês deverão sugerir alterações que melhorem a linguagem, para que os leitores possam compreendê-lo e apreciá-lo.

ATIVIDADE 4F – REVISÃO INDIVIDUAL COM APOIO DO(A) PROFESSOR(A)

Seu(sua) professor(a), nesta atividade, apresentará a você um pequeno bilhete sugerindo algumas alterações a serem feitas em seus textos. Essas alterações terão foco nas questões relacionadas à linguagem em que se escreve e à organização dos episódios e fatos do texto, para garantir sua compreensão.

Etapa 5 – Finalização e avaliação

É chegado o momento de finalização do projeto. Até aqui, você e seus colegas aprenderam como escrever um texto de modo que fique compreensível ao leitor. Você e seus colegas irão organizar, nesta etapa, um mural contendo suas produções, para que toda a escola possa apreciá-las.

ATIVIDADE 5A – PRODUÇÃO DO MURAL

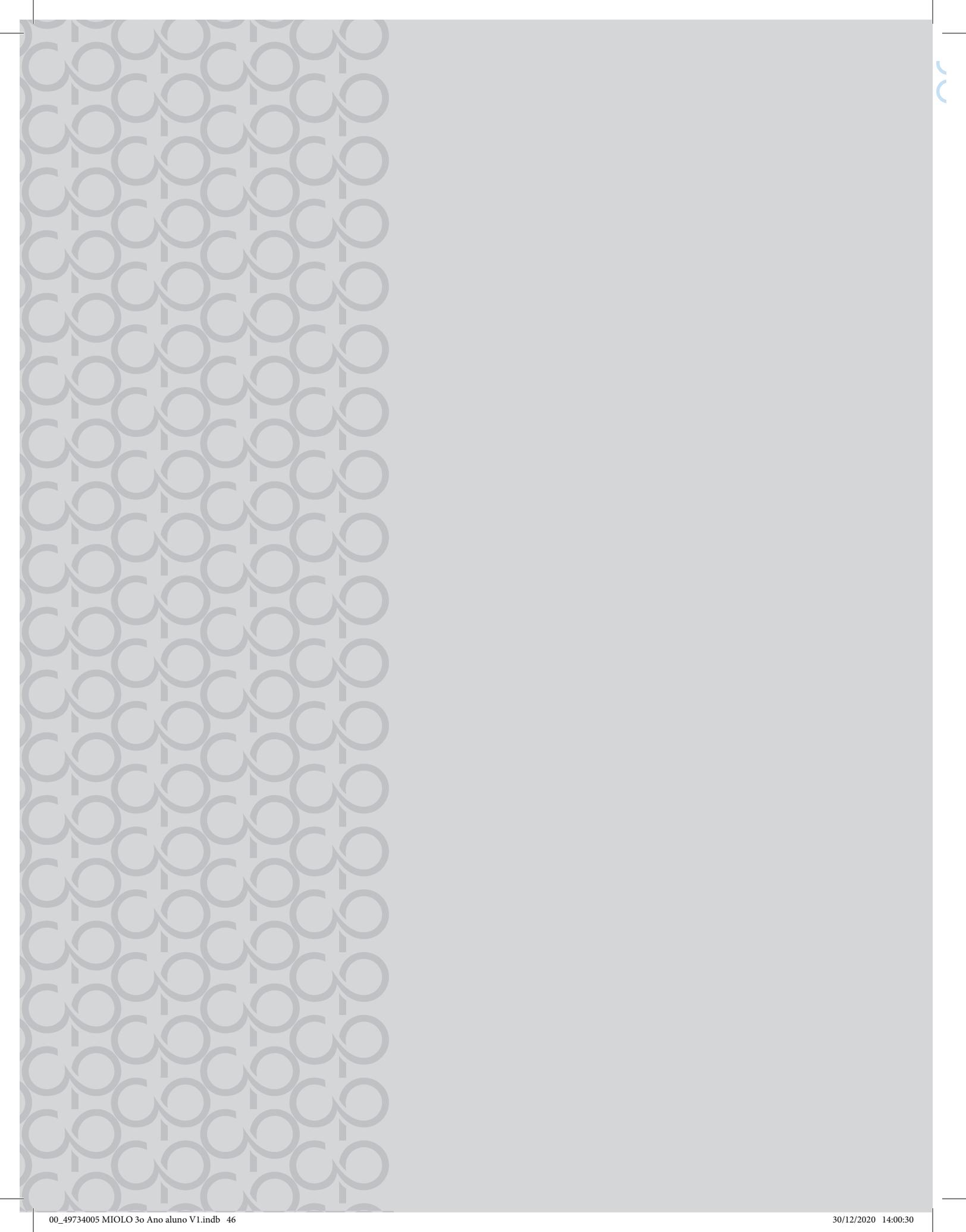
Na atividade 5A, você e seus colegas organizarão, em pequenos grupos, um mural com as suas produções finais, para que os demais estudantes da escola possam apreciá-los.

ATIVIDADE 5B – AVALIAÇÃO DO PERCURSO RODA DE CONVERSA

Nesta atividade, vocês e seu(sua) professor(a) conversarão a respeito do projeto didático “Contos e Encantos”, sobre o que aprenderam no decorrer das semanas trabalhadas e quais etapas de que mais gostaram.

Unidade





ATIVIDADES DE LEITURA

ATIVIDADE 1 – PIADAS

As atividades de leitura que serão desenvolvidas neste bloco permitirão que vocês e seus colegas construam uma crescente autonomia para ler, familiarizando-se com a linguagem escrita, sentindo prazer com as leituras, conhecendo uma diversidade de textos e autores, entre outros ganhos.

Leiam, em dupla, o texto abaixo e encontrem a informação que seu(sua) professor(a) irá solicitar.

Fonte: <<https://pixabay.com/pt/vectors/search/crian%C3%A7a/>>

Acesso em: 18 nov. 2020.



PIADA

O CAÇADOR E OS PASSARINHOS

Na sala de aula a professora pergunta para os alunos:

— Se tem 3 passarinhos no galho de uma árvore, e um caçador atira, acertando um deles, que cai. Quantos passarinhos ficariam na árvore?

O silêncio tomou conta da classe, e a professora logo dá a resposta:

— Sobram somente 2 passarinhos.

Joãozinho, sem pensar duas vezes, ergue a mão e responde:

— Não sobra nenhum professor(a), pois, depois do tiro do caçador, os dois restantes se assustam e voam.

Texto de tradição oral adaptado pela equipe CEIAI/SEDUC especialmente para o Ler e Escrever – 2020..

ATIVIDADE 2 – CURIOSIDADES

Leiam em dupla o texto abaixo e encontrem a informação que seu(sua) professor(a) irá solicitar:

CURIOSIDADES

COMO VIVE O BICHO: COBRA-CEGA



Fonte: <https://pixabay.com/pt/images/search/cobra%20cega/> Acesso em: 29 out. 2019.

Segundo alguns estudiosos desse tipo de anfíbio, as cobras-cegas têm uma dieta muito sofisticada: comem insetos, larvas de insetos e vermes da terra.

Há muito tempo a cobra-cega vive no planeta. Assim, existem as primitivas (verdadeiras relíquias históricas) e as modernas. As primitivas põem ovos, e as larvas são aquáticas. Algumas das modernas também põem ovos, mas fazem isso dentro de buracos cavados no solo, onde os filhotes se desenvolvem até a juventude.

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p. v.3.

ATIVIDADE 3 – CARTA DE LEITOR

Em duplas, leiam a carta dirigida ao jornal on-line “Boas Informações” e registrem as reflexões:

MORAR NO CENTRO

Li a reportagem da jornalista Lívia Santos sobre as vantagens de se morar no centro da cidade. Moro no centro e considero que morar no bairro é muito melhor. A única parte boa do centro é que você consegue fazer tudo a pé, porque os lugares são próximos, e você não gasta com transporte. Fora isso, não há vantagem nenhuma, temos a poluição sonora e trânsito intenso. Há muitos carros circulando e com isso aumenta a poluição do meio ambiente.

Ruth Gomes

Texto elaborado pela equipe CEIAI/SEDUC especialmente para o Ler e Escrever 2020.

Quem escreveu esse texto? Para quem foi escrito? Onde foi publicado?

Qual é o assunto do texto?

A autora gosta de morar no centro?

Quais são as vantagens e desvantagens que a autora aponta de morar no centro? Que palavras ou expressões utiliza para justificar sua opinião?

Você concorda com a autora? Justifique.

ATIVIDADE 4 – CARTA DE RECLAMAÇÃO À FÁBRICA DE BRINQUEDOS “DIA FELIZ”

Leia, juntamente com seu(sua) colega, o texto a seguir. Em seguida, respondam às questões para socializarem com a classe.

São Paulo, 20 de novembro de 2019.

À direção da Fábrica de brinquedos “Dia Feliz”

A/C do Serviço de Atendimento ao Cliente

Assunto: Reclamação de defeito do produto

Prezados senhores,

Em 29 de outubro de 2019, adquiri um produto da marca “Dia Feliz”, uma boneca que fala. Foi comprada na loja Brinque Mais, à Rua Vital Brasil, nº 100, conforme cópia da nota fiscal anexa, pelo valor de R\$ 300,00, em um pagamento à vista.

Ao chegar em casa com a mercadoria, ela apresentou o seguinte defeito: o dispositivo de acionamento da fala não funcionou. Entrei em contato com o gerente da loja, Sr. Roberto, e recebi orientação para me dirigir diretamente à assistência técnica autorizada do fabricante. Na assistência técnica autorizada, mesmo após os 30 dias indicados pelo Código de Defesa do Consumidor para que o fornecedor resolva o problema, nada foi feito. Lembro que o fabricante é solidariamente responsável, pois indicou a assistência.

Diante do exposto, solicito desde já, conforme me faculta o Código de Defesa do Consumidor em seu inciso I, parágrafo 1º do artigo 18: “A substituição do produto por outro da mesma espécie, em perfeitas condições de uso”.

Dessa forma, fica esta empresa notificada que, caso não seja atendida a presente solicitação, no prazo de 10 (dez) dias, a contar do recebimento desta, farei reclamação junto à entidade de defesa do consumidor. Informo que poderão ser adotadas as medidas judiciais cabíveis. Aguardo sua resposta por escrito.

Atenciosamente,

Maria Aparecida Dias

Telefone 11 998375371

Texto elaborado pela equipe CEIAI/SEDUC especialmente para o Ler e Escrever 2020.

ATIVIDADE 4 – CARTA DE RECLAMAÇÃO À FÁBRICA DE BRINQUEDOS “DIA FELIZ” – CONTINUAÇÃO

Em dupla com seu colega, respondam as questões:

Quem é a consumidora que escreve a carta?

Qual é a finalidade da carta?

O que aconteceu com o produto comprado?

No texto, a autora faz a citação do Código de Defesa do Consumidor e apresenta um artigo que possui a expressão “*em perfeitas condições de uso*”. O que essa expressão significa em relação ao produto que a senhora Maria adquiriu?

Podemos afirmar que este texto é uma carta pessoal? Por quê? Grife no texto palavras e expressões que demonstrem características deste tipo de carta.

Caso não seja atendida, o que a consumidora fará?

Você ou seus responsáveis já compraram algum produto com defeito? Como o problema foi resolvido?

Sequência Didática

Ortografia

É hora de pensarmos em como escrever corretamente as palavras. Esta sequência didática de ortografia apresentará a você e seus colegas algumas atividades para poderem pensar sobre a escrita das palavras do ponto de vista da ortografia. Para isso, vocês trabalharão com alguns poemas selecionados, que foram escritos por autores consagrados da literatura brasileira. Alguns são mais recentes, outros mais antigos, mas todos vêm mostrando o modo como as palavras são escritas. Vamos lá?

ATIVIDADE 1 – DITADO INTERATIVO

Em duplas, leiam o texto “Namorados” e, com apoio do(a) professor (a), preencham o quadro a seguir.

NAMORADOS

Manuel Bandeira

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

Antônia, ainda não me acostumei com seu corpo, com sua cara. A moça olhou de lado e esperou.

Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listrada?

A moça se lembrava:

A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela. O rapaz prosseguiu com muita doçura:

Antônia, você parece uma lagarta listrada. A moça arregalou os olhos, fez exclamações. O rapaz concluiu:

Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

BANDEIRA, M. Namorados. In: ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p. v.1.

Palavras selecionadas	Possíveis dúvidas	Questão ortográfica	Situação comentada

ATIVIDADE 2 – RELEITURA COM FOCALIZAÇÃO

Leia, em parceria com o(a) professor(a), o texto abaixo e observe as palavras grifadas.

A LÍNGUA DO NHEM

Cecília Meireles

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa da velhinha,
resmungando sozinha:

Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

O gato que dormia
no canto da cozinha,
escutando a velhinha,
pricipiou também
a miar nessa língua.
E se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:

Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra, galinha,
de cá, de lá, de além,
e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia

Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

de modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia,
nem falar com ninguém,
ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia

Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

MEIRELES, C. A língua do nhem. In: ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p. v.1.

ATIVIDADE 4 – ANÁLISE DE TEXTOS – MÚSICA

A criança que escreveu este texto cometeu alguns erros. Em duplas, encontrem os erros que ela cometeu e escrevam as palavras corretamente:

OI, MARINHEIRU, MARINHEIRU, (02)
 MARINHEIRU SÓ (01)
 QUEM TI INSINOU A NADAR? (02)
 MARINHEIRO SÓ
 O FOI U BALANÇU DO NAVIU, (03)
 MARINHEIRO SÓ
 O FOI O BALANÇO DU MAR (01)
 MARINHEIRO SÓ.

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p. v.1.



Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/capit%C3%A3o-rodadirec%C3%A7%C3%A3o-marineiro-2580239/>.

Acesso em: 29 out. 2019.

ATIVIDADE 5 – ANÁLISE DE TEXTO – QUADRINHA

A criança que escreveu este texto cometeu alguns erros. Em duplas, encontrem os erros que ela cometeu e escrevam as palavras corretamente:

PAPAI DO CÉU
 MANDOU DIZER
 CEM VAI SER O PRIMEIRO: (01)
 É ESTE DACI. (01)

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p. v.1



Fonte: <https://pixabay.com/pt/images/search/anjinho/>

Acesso em: 29 out. 2019.

Sequência Didática

Tirinhas: um tesouro a descobrir

Você gosta de tiras em quadrinhos? Que tal conhecer um pouco delas? Você e seus colegas, nesta sequência didática, serão desafiados a analisar algumas tirinhas e como se organizam. Para isso, lerão os textos, as imagens e as expressões faciais e corporais dos personagens, ícones, balões, quadros, recursos visuais... enfim, todos os elementos que fazem parte da estrutura das tirinhas.

Etapa 1 – Apresentação da sequência didática – Tirinhas: um tesouro a ser descoberto

ATIVIDADE 1 – APRESENTAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA – TIRINHAS: UM TESOURO A SER DESCOBERTO

Nesta etapa da atividade, você conhecerá, com seus colegas e com apoio de seu(sua) professor(a), algumas tirinhas. Juntos, vocês conversarão sobre os gibis e as tirinhas que conhecem, quais já leram, quais personagens já viram, e se poderão ainda contar sobre algum deles.

Etapa 2 – Leitura coletiva de tirinhas

Nesta etapa, você e seus colegas, junto com seu(sua) professor(a), realizarão a leitura colaborativa de algumas tirinhas dos “Bichinhos de Jardim” e conhecerão alguns personagens para que possam compreender o texto.

ATIVIDADE 2A – LEITURA COLABORATIVA DE TIRINHAS

Leia a tirinha e, com o apoio do(a) professor(a), reflita sobre as questões abaixo. Não é necessário registrar as respostas.



Clara Gomes. Bichinhos de Jardim. Disponível em: <<http://bichinhosdejardim.com>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

- Por que o caramujo Caramelo disse estar triste com os humanos?
- O que significa “devorar” o planeta?
- Por que a Joaninha achou ofensiva a comparação dos gafanhotos com os humanos?

ATIVIDADE 2B – CONHECENDO NOVOS PERSONAGENS

UM CARAMUJO POETA



Este simpático gastrópode, conhecido como Caramelo, foi o primeiro habitante do jardim. Uma espécie de ‘Adão’ dos Bichinhos, que nasceu em meados do ano 2000. Representante da espécie *Helix aspersa*, Caramelo é um sonhador típico: otimista e romântico. Não aceita ser considerado apenas ‘um pedaço de gosma ambulante com um caroço nas costas’, como já foi chamado.

Caramelo crê ainda que vá sofrer algum tipo de metamorfose que lhe dará asas. Ele nutre uma paixão utópica pela bela e cabeçuda borboleta Brigitte. Seu melhor amigo é Mauro Minhoca.

O caramujinho é filósofo, inteligente e adora poesia. Mas também tem seus momentos de indivíduo mediano, gosta de consumir, assistir televisão e come bastante. Seus pratos prediletos são folhas, flores e amoras. Caramelo por ele mesmo: “sou um ser vivo, arrebatado, infinito, que, por isso mesmo, não caibo em mim – a não ser quando me enrolo e viro uma bolinha”.

Clara Gomes. Bichinhos de Jardim. Disponível em: <<http://bichinhosdejardim.com/bichinhos-2>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

UMA JOANINHA GENIOSA



Joaninha nasceu coadjuvante. Ganhou expressão por sua personalidade forte e seu mau humor constante. Realista, pé-no-chão e rigorosa, Maria Joaninha Cascudo cativa pela identificação instantânea que provoca. Ela já foi abordada por vendedores de *telemarketing*, atura amigos sem-noção e lida com situações caóticas e irritantes do dia a dia – como todos nós.

Gosta de escrever, é organizada e multitalentosa. Faz *freelas* como repórter, já atuou como policial e sempre dá a palavra final em qualquer assunto. É uma líder nata – principalmente se o modelo de governo for a ditadura.

Apesar de todo esse perfil linha-dura, Joaninha ama seus amigos e já teve até um romance mal-sucedido com um m&m, o que a deixou cética em relação ao amor.

Clara Gomes. Bichinhos de Jardim. Disponível em em: <<http://bichinhosdejardim.com/bichinhos-2>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

ATIVIDADE 2C – EXPLORANDO AMBIENTES VIRTUAIS

Que tal conhecer mais algumas histórias e tirinhas? Na atividade 2C, você e seus colegas conhecerão outras histórias e tirinhas e, para isso, seu(sua) professor(a) as apresentará em recursos digitais.

Etapa 3 – Leitura de tirinhas em duplas

Você, na etapa 2, participou de leitura de tirinhas coletivamente com seus colegas e professor(a). Nesta etapa, o desafio é que você e mais um colega realizem a leitura em duplas, buscando compreender o que leem.

ATIVIDADE 3A – LEITURA DA TIRINHA “PRA FRENTE É QUE SE ANDA...”

Leia em dupla com seu colega a tirinha abaixo e reflita sobre as questões. Não é necessário registrar.

Pra frente é que se anda...

2 de dezembro de 2018 às 10:15



Clara Gomes. Bichinhos de Jardim. Disponível em: <<http://bichinhosdejardim.com/bichinhos-2>>.

Acesso em: 29 out. 2019.

- ✓ Quem é a personagem do texto?
- ✓ Quando a Joaninha diz que olha para frente, o que ela quer dizer com isso?
- ✓ Vocês repararam nas expressões faciais da Joaninha? O que acontece com os olhinhos dela a cada quadrinho? Isso tem a ver com o que ela está demonstrando sentir?
- ✓ O que significa viver de passado?
- ✓ Qual é a graça da tirinha? Quais as intenções da autora ao brincar com as expressões “viver de passado” e “olhar para trás”?
- ✓ Quais efeitos o uso das reticências provocaram no texto?

Após a discussão em duplas, socialize com todos da turma.

ATIVIDADE 3B

Leiam em duplas as tirinhas selecionadas pelo(a) professor(a) e analisem os recursos gráficos presentes: o uso da pontuação, dos balões e expressões, além das características dos personagens, e registre no quadro abaixo:

Personagens – Nomes	Características dos Personagens	Recursos Gráficos usados pelo autor

Etapa 4 – Leitura de tirinhas individualmente**ATIVIDADE 4A – LEITURA DE TIRAS EM QUADRINHOS INDIVIDUALMENTE**

Nesta atividade, você terá o desafio de ler uma tirinha individualmente. Seu(sua) professor(a) irá providenciar algumas delas para a leitura, e você poderá realizar a sua escolha.

Projeto Didático

Literatura de cordel

No Projeto Literatura de Cordel, você e seus colegas irão conhecer este tipo de poema, que tem sua origem em Portugal. Conhecerá sua estrutura e características, tendo ainda o desafio de produzir um cordel.

Etapa 1 – Apresentação do Projeto: “Literatura de Cordel”

ATIVIDADE 1 – CONHECENDO O PROJETO

Nesta etapa, você será convidado a conhecer o projeto, as etapas e seu produto final.

Etapa 2 – Leitura colaborativa e análise dos recursos linguísticos de cordéis

A etapa 2 apresentará a leitura de diferentes cordéis, e você e seus colegas poderão analisar algumas expressões que os autores utilizam. Para isso, seu(sua) professor(a) proporá que leiam junto com ele(a) e por si mesmos.

Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/cena-pequena-capa-que-esconde-red_984951.htm#page=1&query=chapeuzinho%20vermelho&position=0. Acesso em: 08 dez. 2020.



ATIVIDADE 2A – LEITURA EM VOZ ALTA DO CORDEL “CHAPEUZINHO VERMELHO”, DE ROSA REGIS

Leia junto com seu colegas e professor(a) o texto “Chapeuzinho Vermelho”:

CHAPEUZINHO VERMELHO

Rosa Regis

Há muito e muito tempo
Havia uma menininha
Meiga, carinhosa e doce,
Que morava com a mãezinha
Numa casinha distante
Da casa da vovozinha.

Sempre que a sua mamãe,
O que amiúde ocorria,
Fazia doces gostosos,
A menininha pedia:
- Me dá a colher, mamãe!
Gulosamente, lambia.

E pedindo a sua mãe:
- Mamãe, deixe-me levar
Uns bolinhos pra vovó
Antes mesmo de esfriar.
Eles estão tão gostosos!
Sei que ela iria adorar.

A mamãe, pensando um pouco,
Disse:- Filha, não dá certo!
Sua vovó mora longe...
Eu soube que aqui por perto
Andava um lobo faminto,
Perigoso... Muito esperto!

Poderá mesmo atacá-la
Pois a estrada é deserta
E a casa da sua avó
É logo após a floresta
Onde o mesmo poderá
Bem esconder-se, na certa.

Mas a menina lhe disse:
- Mamãezinha, eu sou esperta!
Já estou com sete anos!
Já sou grande. E fico alerta!
Qualquer que seja o ruído,
Corro e grito! Esteja certa.

A mãe cedeu e, então,
Na cabeça lhe botou
Uma capinha vermelha
Que a sua avó tricou
Cujo nome: “Chapeuzinho
Vermelho” a vovó bordou.

Chapeuzinho sai pulando
E cantando alegremente.
Lá se vai pela floresta
Sem nada lhe vir à mente
A não ser o fato de
Estar feliz e contente.

De repente ouve uma voz
Que lhe chama bem baixinho...
É o lobo, fingindo ser
Um animal manso e bonzinho...
Que apenas quer conhecer
A menina "Chapeuzinho".

Pergunta aonde ela vai
E ela, inocentemente,
Diz: - Vou visitar vovó
Que mora ali mais na frente,
Numa casinha amarela.
Sem malícia, alegremente.

E o lobão, satisfeito
Com a informação que colheu,
Da inocente menininha
Se despediu e correu
Para a casa da avozinha
A quem, de pronto, comeu.

Foi chegando e foi batendo
Na portinha da vovó
Dizendo: - Eu sou Chapeuzinho!
Venha aqui vovó, vê só
Os bolinhos que eu lhe trouxe
E o meu cãozinho Totó!

Então, a vovó abrindo
A porta, já se espantou!
Quis correr, porém o lobo
Tão logo a viu a agarrou
E a engoliu, inteirinha.
Nem sequer a mastigou.

E aí, falso que era,
Pôs a roupa da vovó,
Seus óculos e sua touca,
Na cama, escutem-me só,
Deitou-se e depois cobriu-se
Dos pés até o gogó.

É quando chega a menina,
Cantando, toda faceira,
Trazendo um feixe de flores
Feito à sua maneira,
Para a vovó, sem saber
Que fizera grande asneira.

Pois que, inocentemente,
Fornecera ao inimigo,
O endereço da avozinha
Sem perceber o perigo
Que uma e outra corriam.
Parecia até castigo.

Castigo por não seguir
Os conselhos que a mãe deu
Quando ela, Chapeuzinho,
Daquele estranho acolheu
Informações mentirosas
Que o mesmo lhe forneceu.

Mas, sem de nada saber,
Bate na porta contente
Chamando pela vovó
Empunhando, alegremente,
As belas flores colhidas
E o bolo ainda quente.

O lobo que já tomara,
Na cama, da avó, o lugar,
Diz assim: Entre netinha!
Não posso me levantar.
Estou fraca, doentinha,
Quase não posso falar.

E Chapeuzinho, inocente
Que era, entrou sem temor.
Mas ao vê-la estranha um pouco:
- Vovó... Oh!... Mas que horror!
A Senhora está mudada
Em tudo! Até na cor.

Seu corpo está diferente.
Sua cabeça também.
Pés e mãos, unhas e dedos.
Parece mais sabe quem?
Um lobisomem, vizinha!
Mesmo assim te quero bem.

- Pra que esses olhos tão grandes?
Perguntou-lhe Chapeuzinho.
- São para te ver melhor!
Disse o lobo, sem carinho.
- E esse narigão Enorme?!
Nariz não! Isso é focinho!

- É Para sentir o cheiro
Da comida deliciosa
Que está na minha frente. Diz o lobo
todo prosa.
E Chapeuzinho se afasta
Já um pouco receosa.

- E essas mãozonas grandes
E peludas, pra que são?

Inquiriu-lhe a menininha
A pulsar-lhe o coração.
O lobo respondeu cínico:
- Elas te segurarão.

- E essa enorme bocarra
Com dentes de arrepiar?
Disse-lhe o lobo: - É com ela
Que eu vou te abocanhar,
Te mastigar, te engolir,
Pra minha fome matar.

Dizendo isto, o lobão
Saltou da cama e atacou
A menina, que correu
O mais que pode e parou
Tão somente quando um homem
Seu caminho atravessou

Era um caçador que vinha,
Há dias, a procurar,
Em caçada, aquele lobo
E, ao vê-lo se aproximar,
Lavra a menina e atira
Para o bicho derrubar.

E o lobão, que pensava
Que naquela fantasia
De "Vovó da Chapeuzinho"
A todos enganaria,
Ao caçador não engana.
E este acerta a pontaria.

Mas, pra sorte do malvado,
O caçador atirou
Apenas pra derrubá-lo.
E o seu intento alcançou.

O lobo caiu gemendo
E, blasfemando, ele uivou.

E do enorme barrigão
Do lobão, o caçador
Ouve uma voz suplicante:
Socorram-me, por favor!
É a voz da vovozinha
Que está cheia de pavor.

Aí chega Chapeuzinho,
Que já parou de correr
Com medo do lobo, mas
Com o corpo ainda a tremer,
Implorando ao caçador
Pra sua avó socorrer.

O caçador que, coitado!
Não quer ao lobo matar,
Procurou no povoado
Quem o pudesse ajudar,
Surgiu um veterinário
Disposto a cooperar.

E munido de um bisturi
Faz uma boa incisão,
D'onde tira a vovozinha,
Na barriga do Lobão,
Fechando-o logo em seguida
Como um bom cirurgião.

Assim, salva a vovozinha
Sem, também, sacrificar
O “Lobo Mau”, que era apenas
Um animal a caçar

E voltará à floresta
Quando a barriga sarar.

Afinal, passado o susto,
Chapeuzinho então lembrou
Para que viera ali
E para a vovó mostrou
A cestinha com os bolinhos
Que, a esta altura, esfriou.

A vovó, agradecida,
Ao caçador convidou
Para, juntos, os três comerem
Bolinhos. E ele topou.
E com suco de laranja,
Comem. E a estória acabou.

Acabou com tudo bem!
Que é como deve acabar
Uma estória pras crianças
Que estão a se formar.
Outras estórias virão,
Refeitas ou criação,
Com o intuito de educar.

Recriei para as crianças,
Ou melhor, cordelizei,
Só transformando um pouquinho
A bela estória. E busquei
Regar com um pouco de humor
Este cordel que formei
Gerado do original.
Imagino que “legal”
Saiu. Só sei que eu gostei.

Regis, R. Chapeuzinho Vermelho. Creative Commons. Disponível em:
<<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/153457>>. Acesso em: 29 out. 2019.

ATIVIDADE 2B – LEITURA COMPARTILHADA E ANÁLISE DOS RECURSOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PELO AUTOR NO CORDEL “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Coletivamente, leia o texto e discuta as questões abaixo. Não é necessário registrar.

a) Como a autora organiza o texto?

E essa enorme bocarra
Com dentes de arrepiar?
Disse-lhe o lobo: - É com ela
Que eu vou te abocanhar,
Te mastigar, te engolir,
Pra minha fome matar.

b) No trecho:

“O caçador que, coitado!
Não quer ao lobo matar,
Procurou no povoado
Quem o pudesse ajudar,
Surgiu um veterinário
Disposto a cooperar.”

- Qual é o motivo de o caçador não querer matar o lobo?
- Quais rimas podemos encontrar nos versos?

c) No trecho:

Assim, salva a vovózinha
Sem, também, sacrificar
O “Lobo Mau”, que era apenas
Um animal a caçar

- Por que “Lobo Mau” está escrito entre aspas?
- Como seria o texto escrito caso tivessem que escrevê-lo como um conto?

d) No Trecho final do Cordel:

Acabou com tudo bem!
Que é como deve acabar
Uma estória pras crianças
Que estão a se formar.
Outras estórias virão,
Refeitas ou criação,
Com o intuito de educar.

Recriei para as crianças,
Ou melhor, cordelizei,
Só transformando um pouquinho
A bela estória. E busquei
Regar com um pouco de humor
Este cordel que formei
Gerado do original.
Imagino que “legal”
Saiu. Só sei que eu gostei.”
FIM

- Como a autora fala do próprio texto?
- Quais recursos a autora usou para escrever a história da Chapeuzinho Vermelho?
- Quais foram as semelhanças e diferenças do texto que lemos com a história original?

ATIVIDADE 2C – LEITURA EM VOZ ALTA DO CORDEL “A MENINA QUE QUERIA SER ENGENHEIRA”

Em dupla com seu colega, acompanhe a leitura realizada pelo(a) seu(sua) professor(a)

A MENINA QUE QUERIA SER ENGENHEIRA

Texto original: Rosângela Trajano – Cordel: Rosa Regis

Todo menino ou menina
Deseja, quando crescer,
Ser algo ou ‘alguém’ na vida
Que o seu pensar faz ver.

Ser bombeiro, professora,
Soldado ou mesmo doutor!
Sonhos infantis que enchem
O pensar do sonhador.

Eu desejava ser nuvem
Pra poder ficar no ar
Vendo tudo lá de cima:
Casas, florestas e mar...

A nossa menina aqui,
Dizia pra todo mundo,
Queria ser engenheira!
Era um desejo profundo.

- Menina tem que ser médica,
Não pode ser engenheira!
Era o que a menina ouvia,
Mas ela achava besteira.

- É claro que pode sim!
É isso que eu quero ser!
Vou ser engenheira, e pronto!
Vocês todos hão de ver!

E lá se ia a menina
A desmontar o avião
Do irmão, peça por peça,
Criando uma confusão.

Pois na hora da montagem
Sobram peças, parafusos...
Que em mentes ditas normais,
Deixam os pensares confusos.

Para ela, nada disso!
Era algo corriqueiro!
Tranquila escondia tudo
Debaixo do travesseiro!

Querendo ser engenheira,
Gostava de Matemática
E de Ciências. Matérias
Com as quais ela tinha tática.

É grande amante das nuvens,
Tem grande amor às estrelas.
Pede ao pai um telescópio
Para poder melhor vê-las.

Seus pais querem que ela brinque
De boneca, de casinha...
Que é com que meninas brincam.
Mas não nossa menininha!

Diz ela: Papai, brinquedo
Não diz a quem se destina!
É de quem gosta. Eu não gosto
Dos “brinquedos de menina”.
No meio da casa largava
O urso e o trem desmontado
E saía desenhando
Deixando tudo riscado

Os papais se habituaram
A vê-la medindo o chão,
As árvores, a vida, o tempo...
E a futura profissão.

Porém não se conformavam
Com o tipo de brincadeira
Da sua filha que sonha
Um dia ser engenheira.

O padrinho da menina,
Um dia para acalmar
Os pais, garante: - A garota,
Quando crescer, vai mudar!

- Engenheira não vai ser!
Isso não é pra mulher!
Isso é profissão de homem!
Ela não sabe o que quer.

Quando crescer vai mudar,
Escolhe outra profissão.
A menina nem ouvia,
Sequer prestava atenção.

Na mochila da menina
Havia lápis, cadernos...
Chaves de fenda do pai
Nos seus bolsinhos internos.

O papai nunca encontrava
As suas chaves de fenda
No lugar onde as deixava.
Isso causava contenda.

Quando a menininha ia
Ao parque, sempre levava
A caixa de ferramentas.
Pois, quem sabe, precisava?!

Qualquer defeito no carro
Ou na sua bonequinha...
Ela andava prevenida!
Era fogo a menininha!
O ursinho de pelúcia
Certo dia entristeceu,
Não sorrindo para ela.
Que será que aconteceu?

Estava triste o coitado!
Seriam as pilhas, ou não?
Para ela era outra coisa
Que incomodava o Pimpão.

Disseram para a menina
Que se ela virasse um dia
Engenheira, só com homens,
A mesma trabalharia.

- Que importa isso? Dizia.
Era mesmo diferente
No seu modo de pensar
Sendo muito inteligente.

Aos domingos colocava,
Do papai, o traje branco,
A bata e o capacete,
Sentando em pequeno banco...

Consertava com desvelo
Os brinquedos dos amigos
E dos seus primos e primas,
Mesmo aqueles mais antigos.

Certo dia desenhou
Um modelo de avião
Novo, nunca visto antes.
Isto causou sensação.

Sonhando ser engenheira
Um robô ela criou
Funcionando à bateria.
E muito impressionou.

Porém ela era menina...
E a noite tudo largava:
Alicates, chaves... Tudo!
Quando, manhosa, sentava
No colo do vô, pra ouvir
As estórias que contava.

Regis, R. A menina que queria ser
engenheira. Creative Commons.
Disponível em: <[https://www.recanto-
dasletras.com.br/cordel/6254195](https://www.recanto-dasletras.com.br/cordel/6254195)>.
Acesso em: 29 out. 2019.

ATIVIDADE 2D – RETOMADA DO TEXTO PARA LEITURA E ANÁLISE DOS RECURSOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PELO AUTOR “A MENINA QUE QUERIA SER ENGENHEIRA”

Em dupla, com seu colega, leiam novamente o texto e grifem as características da personagem:

A MENINA QUE QUERIA SER ENGENHEIRA

Texto original: Rosângela Trajano – Cordel: Rosa Regis

Todo menino ou menina
Deseja, quando crescer,
Ser algo ou ‘alguém’ na vida
Que o seu pensar faz ver.

Ser bombeiro, professora,
Soldado ou mesmo doutor!
Sonhos infantis que enchem
O pensar do sonhador.

Eu desejava ser nuvem
Pra poder ficar no ar
Vendo tudo lá de cima:
Casas, florestas e mar...

A nossa menina aqui,
Dizia pra todo mundo,
Queria ser engenheira!
Era um desejo profundo.

– Menina tem que ser médica,
Não pode ser engenheira!
Era o que a menina ouvia,
Mas ela achava besteira.

– É claro que pode sim!
É isso que eu quero ser!
Vou ser engenheira, e pronto!
Vocês todos hão de ver!

E lá se ia a menina
A desmontar o avião
Do irmão, peça por peça,
Criando uma confusão.

Pois na hora da montagem
Sobram peças, parafusos...
Que em mentes ditas normais,
Deixam os pensares confusos.

Para ela, nada disso!
Era algo corriqueiro!
Tranquila escondia tudo
Debaixo do travesseiro!

Querendo ser engenheira,
Gostava de Matemática
E de Ciências. Matérias
Com as quais ela tinha tática.

É grande amante das nuvens,
Tem grande amor às estrelas.
Pede ao pai um telescópio
Para poder melhor vê-las.

Seus pais querem que ela brinque
De boneca, de casinha...
Que é com que meninas brincam.
Mas não nossa menininha!

Diz ela: Papai, brinquedo
Não diz a quem se destina!
É de quem gosta. Eu não gosto
Dos “brinquedos de menina”.

No meio da casa largava
O urso e o trem desmontado
E saía desenhando
Deixando tudo riscado

Os papais se habituaram
A vê-la medindo o chão,
As árvores, a vida, o tempo...
E a futura profissão.

Porém não se conformavam
Com o tipo de brincadeira
Da sua filha que sonha
Um dia ser engenheira.

O padrinho da menina,
Um dia para acalmar
Os pais, garante: - A garota,
Quando crescer, vai mudar!

- Engenheira não vai ser!
Isso não é pra mulher!
Isso é profissão de homem!
Ela não sabe o que quer.

Quando crescer vai mudar,
Escolhe outra profissão.
A menina nem ouvia,
Sequer prestava atenção.

Na mochila da menina
Havia lápis, cadernos...
Chaves de fenda do pai
Nos seus bolsinhos internos.

O papai nunca encontrava
As suas chaves de fenda
No lugar onde as deixava.
Isso causava contenda.

Quando a menininha ia
Ao parque, sempre levava
A caixa de ferramentas.
Pois, quem sabe, precisava?!

Qualquer defeito no carro
Ou na sua bonequinha...
Ela andava prevenida!
Era fogo a menininha!

O ursinho de pelúcia
Certo dia entristeceu,
Não sorrindo para ela.
Que será que aconteceu?

Estava triste o coitado!
Seriam as pilhas, ou não?
Para ela era outra coisa
Que incomodava o Pimpão.

Disseram para a menina
Que se ela virasse um dia
Engenheira, só com homens,
A mesma trabalharia.

- Que importa isso? Dizia.
Era mesmo diferente
No seu modo de pensar
Sendo muito inteligente.

Aos domingos colocava,
Do papai, o traje branco,
A bata e o capacete,
Sentando em pequeno banco...

Consertava com desvelo
Os brinquedos dos amigos
E dos seus primos e primas,
Mesmo aqueles mais antigos.

Certo dia desenhou
Um modelo de avião
Novo, nunca visto antes.
Isto causou sensação.

Sonhando ser engenheira
Um robô ela criou
Funcionando à bateria.
E muito impressionou.

Porém ela era menina...
E a noite tudo largava:
Alicates, chaves... Tudo!
Quando, manhosa, sentava
No colo do vô, pra ouvir
As estórias que contava.

Regis, R. **A menina que queria ser engenheira**. Creative Commons.
Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/6254195>>. Acesso em: 29 out. 2019

Etapa 4 – Produção coletiva de cordel

É chegada a hora de produzir o cordel da classe! Você e seus colegas planejarão, junto com seu(sua) professor(a), o que irão escrever, o tema ou assunto!

Nesta etapa, todos contribuirão para a produção do cordel. Para isso, você e seus colegas produzirão, junto com seu (sua) professor(a), um cordel. Vocês poderão utilizar os textos lidos anteriormente e o cartaz das rimas! Mãos à obra...

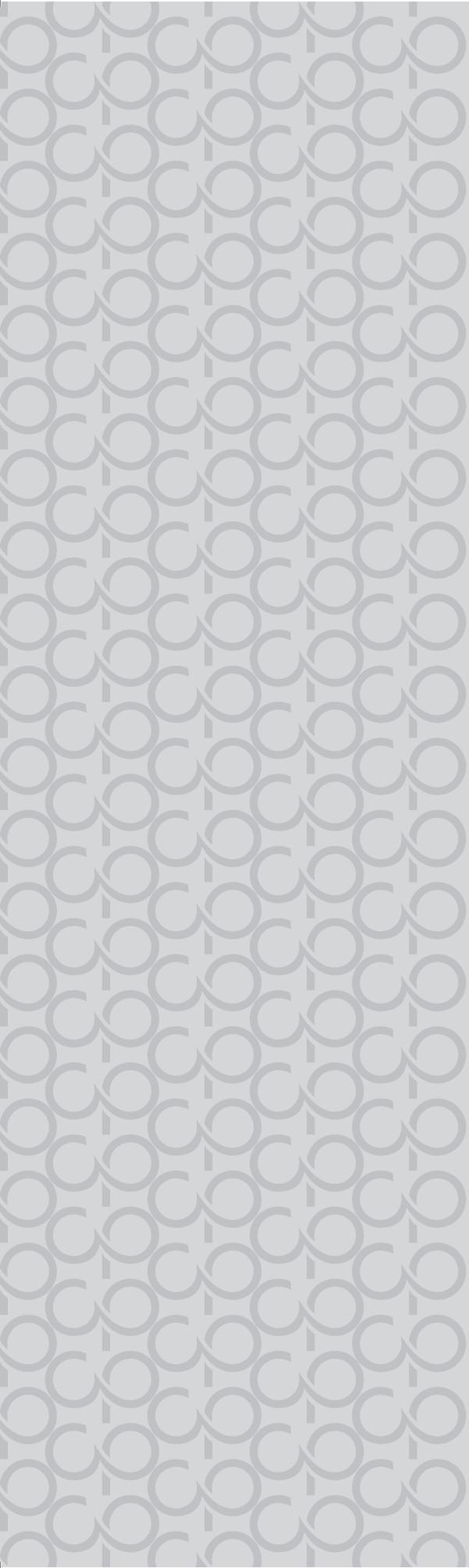
ATIVIDADE 4A – PLANEJAMENTO DA PRODUÇÃO COLETIVA DO CORDEL

Nesta atividade, vocês irão retomar o tema e planejar o que poderá ser escrito, no cordel que será produzido.

ATIVIDADE 4B – REVISÃO COLETIVA COM FOCO NAS CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

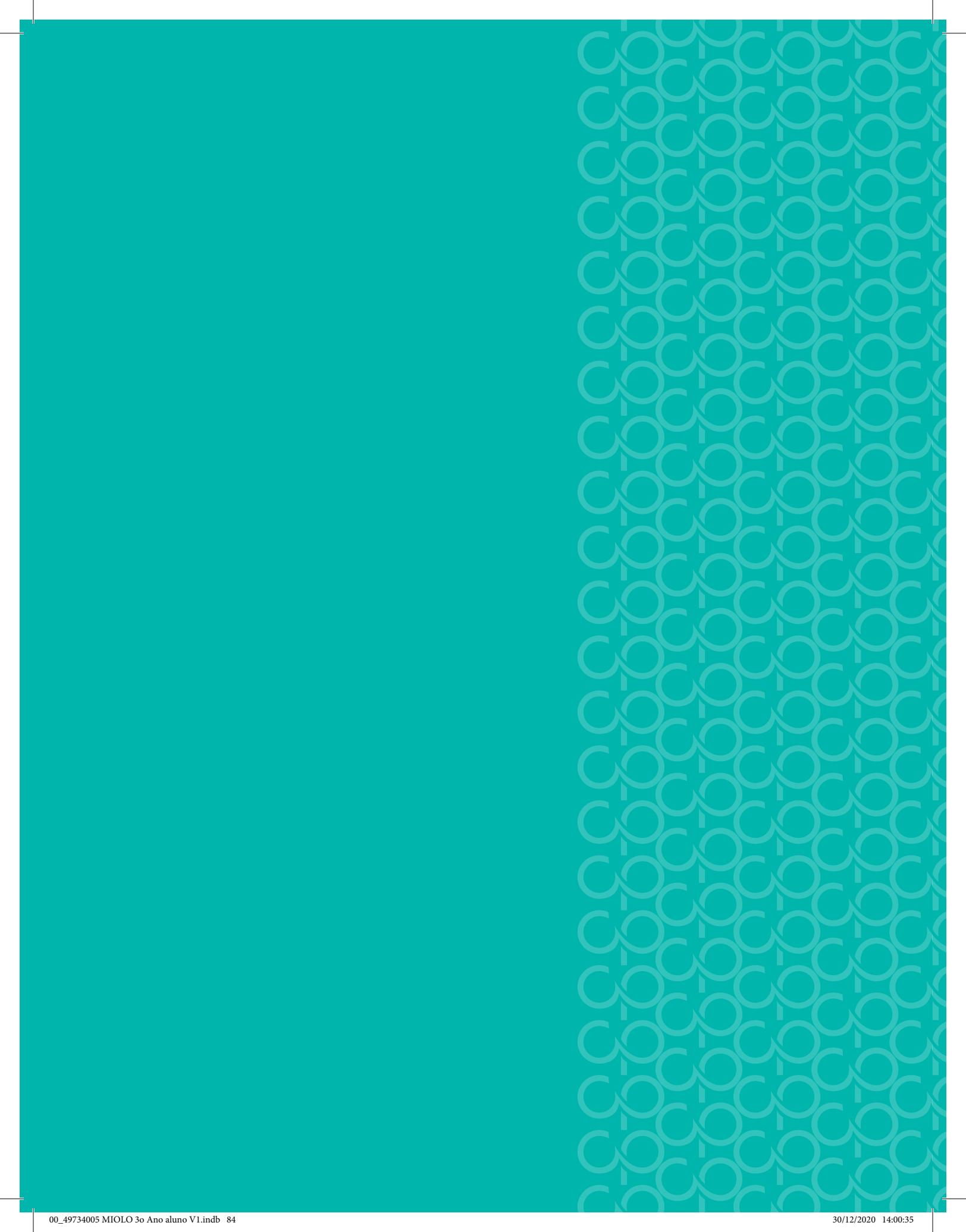
Em duplas, registrem o cordel que foi escolhido para ser apresentado.

ATIVIDADE 4 C – APRESENTAÇÃO DA PRODUÇÃO PARA OS ESTUDANTES DE UMA CLASSE OU DE TODA ESCOLA



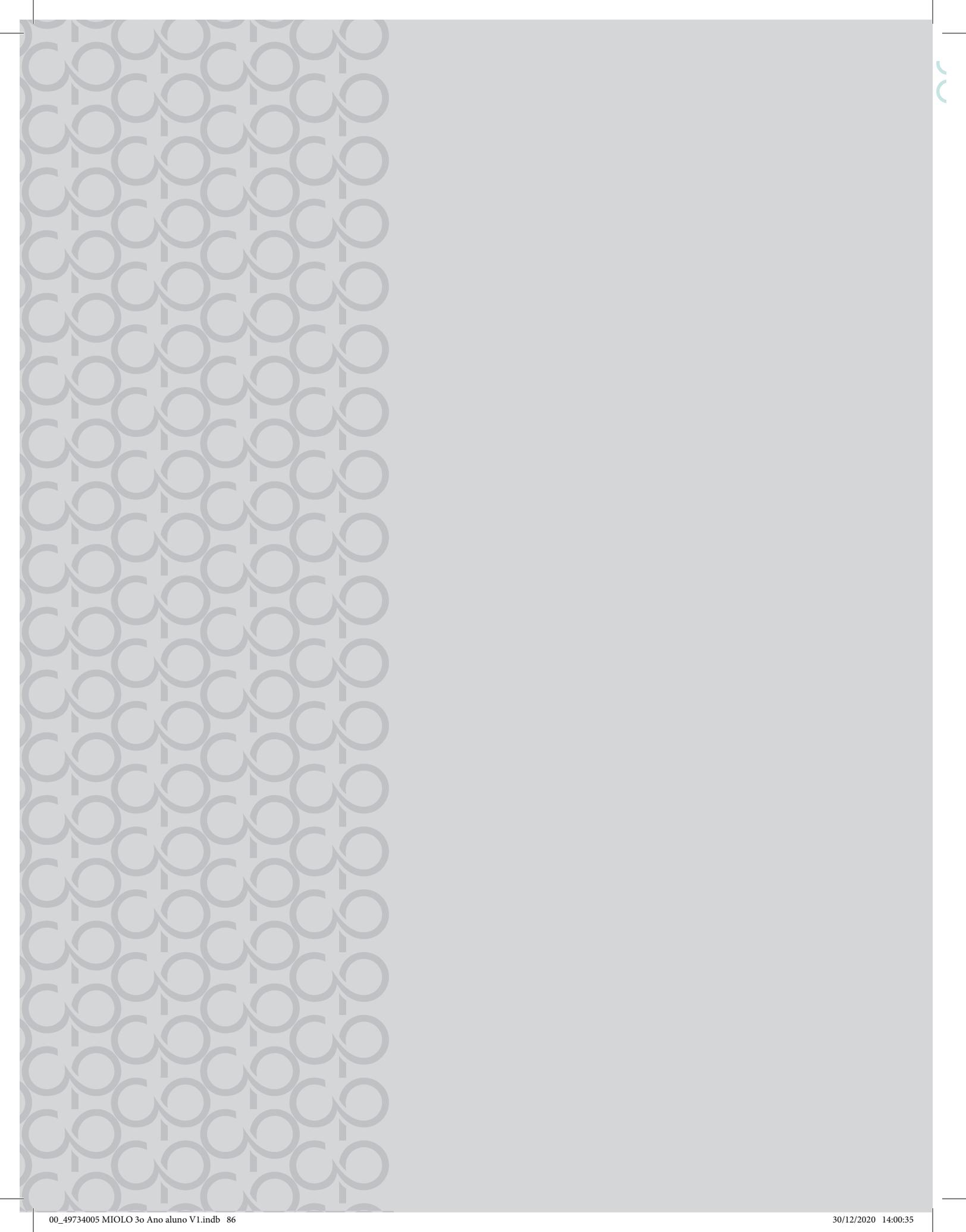
SOCIEDADE E NATUREZA

GEOGRAFIA E HISTÓRIA



Unidade





SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

PROJETO DIDÁTICO 1

O seu(sua) professor(a) dará continuidade às discussões do 2º ano sobre as diferenças culturais em seu bairro e cidade, uma vez que a população de seu estado é formada por imigrantes e migrantes que vêm de diversas partes do mundo e do país. Para isso, vamos desenvolver um Projeto, cujo ápice será a Festa Cultural na Escola. E todos os materiais que vocês elaborarem nas próximas atividades serão expostos, na ocasião, num painel no salão ou pátio da escola, de acordo com o combinado.

Temos muito que aprender sobre as diferentes culturas e saber qual foi o resultado dessa influência na população, principalmente, em nossa cidade e bairro. Vamos iniciar esse estudo pela comunidade escolar, que representa essa diversidade cultural.

ATIVIDADE 1.1

Nesta Atividade você vai iniciar o estudo pela comunidade escolar e saber qual a diversidade cultural que ela representa.

DIVERSIDADE CULTURAL DA COMUNIDADE ESCOLAR

PARTE I

- A.** Copiar no quadro abaixo a lista dos lugares de origem das famílias de todos os(as) colegas da classe.

Família dos colegas	Lugares de origem das famílias
Família do Carlos	Vieram da Espanha

- B.** Marque com um X ou pinte com sua cor preferida o lugar (cidade/estado) de origem de sua família no mapa abaixo.

MAPA DO BRASIL



Fonte: Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-premium/mapa-do-pais-com-fronteiras_8569408.htm

Acesso em: 17 jun. 2020.

MAPA MÚNDI



Fonte: Disponível em: https://br.freepik.com/vetores-gratis/tema-vintage-de-desenho-para-o-mapa-do-mundo_5671432.htm#page=1&query=mapa%20mundi&position=31. Acesso em: 20 jun. 2020.

PARTE II

- C.** Junto com seu(sua) professor(a), leia o texto abaixo e participe da discussão com a turma.

São Paulo – o impacto da imigração e migração na cidade

A cidade de São Paulo foi fundada em 25 de janeiro de 1554, pelos padres jesuítas Anchieta e Manoel da Nóbrega, quando construíram o Pátio do Colégio, que fica bem no centro da cidade.

Na época era uma vila, mas cresceu muito até se transformar numa grande metrópole, uma das maiores do mundo.

Foi em meados do século 19, que se iniciou o movimento de imigração, quando o governo favoreceu a entrada de grupos de pessoas vindas de diferentes países, como alemães, italianos, japoneses, árabes, judeus, portugueses e espanhóis, dentre outros. Em São Paulo, o governo direcionou os imigrantes para o cultivo do café, no interior do estado, pois na ocasião era o principal produto da economia. Na cidade de São Paulo ficaram os imigrantes que não eram lavradores e tinham outros diferentes ofícios, tais como: sapateiros, marceneiros, alfaiates, costureiras, tecelões, construtores, comerciantes. E, desta forma, começaram a povoar a cidade, formando vários bairros, nos quais prevaleciam diferentes grupos:

- os alemães e ingleses formaram o bairro de Santo Amaro e do Brooklin;
- os japoneses, o bairro da Liberdade;
- os italianos, os bairros da Moóca e o do Bixiga, atual Boa Vista;
- os árabes, a região da 25 de março, no Centro de São Paulo;
- os judeus formaram o bairro de Higienópolis e do Bom Retiro, atualmente dos coreanos e assim por diante.

Os italianos influenciaram a gastronomia e “invadiram” São Paulo com suas cantinas, com pratos deliciosos das mais variadas massas e vinhos, com as pizzas e músicas italianas ao vivo, que deixavam o ambiente alegre e prazeroso. E ainda influenciaram a paisagem da cidade, com sua arquitetura, construindo “vilas” de casas, sobradinhos, ao estilo de sua terra natal. Além disso, vieram artistas, como Lina Bo Bardi, ítalo-brasileira, que fez o projeto do MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, que é um dos monumentos arquitetônicos famosos da cidade, localizado na Av. Paulista.

Entre outros italianos que foram importantes para o desenvolvimento econômico de São Paulo, podemos citar o conde Francisco Matarazzo, empresário que investiu em diferentes ramos. Iniciou seus negócios com uma fábrica de banha de porco, depois ampliou com o moinho de farinha de trigo, tecelagem Mariângela, com fiação e tecelagem, malharia e tinturaria, fábrica de óleos, fábrica de sabão, engenho de beneficiamento de arroz e depósitos e armazéns, transformando o empreendimento em um complexo industrial, que se chamou Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo – IRFM, nome que ficou bem conhecido pelos paulistas e paulistanos.¹

1 Em novembro de 1911, Francesco Matarazzo requisitou a alteração de nome da “Francisco Matarazzo & Co” para “Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo”, dispondo como sua propriedade os estabelecimentos de fiação e tecelagem, malharia e tinturaria, fábrica de óleos, fábrica de sabão, moinho de trigo, engenho de beneficiamento de arroz e depósitos e armazéns. In: Moinho Matarazzo. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Moinho_Matarazzo. Acesso em: 19 jun. 2020.

Os árabes desenvolveram-se no comércio e povoaram a rua 25 de março com suas lojas, principalmente de tecidos, armarinhos, artigos de cama, mesa e banho, entre outros. É necessário dizer, que também, trabalhavam como mascates com as mesmas mercadorias das lojas, profissão que designava os vendedores de porta em porta, nos bairros mais afastados da cidade, desde a época do Brasil Colônia. Outros, ao lado de portugueses, também se ocupavam do comércio de móveis.

Os japoneses estabeleceram comércio no bairro da Liberdade com produtos alimentícios e artigos domésticos e de vestuário, próprios de sua cultura, além dos seus restaurantes com comidas típicas.

Os judeus se firmaram na confecção de roupas femininas e masculinas, na região do Bom Retiro, em particular na rua José Paulino.

E outras famílias de imigrantes criaram empresas e ajudaram, desta forma, a movimentar São Paulo, como a Moinho Santista, Fábrica de Tecidos Tatuapé, do mesmo grupo, a Orion, fábrica de pentes e botões, dentre outras.

E, assim, São Paulo se tornou um grande centro comercial e gastronômico. Com tantas indústrias, ficou conhecida por seu parque industrial. Desta forma, a cidade avançou na economia, enquanto sua população crescia, atraindo pessoas de vários cantos do país, como dos estados do Sul, Sudeste e Nordeste e do próprio interior do estado, que, em sua maioria, trocavam o trabalho na lavoura pelo trabalho nas indústrias e comércio de São Paulo, com promessa de prosperidade e de uma vida melhor na cidade.

Os nordestinos contribuíram, principalmente, na área da construção civil dos edifícios. E, mais recentemente, vieram ainda bolivianos e peruanos que trabalham para a indústria de confecção e têxtil.

Mas, à medida que a população da cidade foi aumentando, houve necessidade de mais moradias, que avançaram para a zona rural de forma desordenada. Sem espaço ou terrenos vazios, houve a verticalização da cidade: primeiro ocorreu no centro da cidade, onde foram aparecendo os arranha-céus; e depois prédios residenciais que substituíram as casas, nos bairros.

Com o progresso, houve necessidade de outras providências para tornar a cidade viável para a população. A malha viária da cidade foi-se ampliando com muitas ruas, avenidas, viadutos e túneis, para dar vazão e condições de locomoção na cidade ao grande número de carros e veículos de todos os tipos.

Seu crescimento trouxe para os paulistanos alguns problemas: a poluição, os engarrafamentos no trânsito, as inundações e outros. Contudo, com a contribuição de todos os seus habitantes – paulistanos imigrantes, migrantes – São Paulo chega ao Século 21 como uma metrópole com mais de 12 milhões de habitantes e um centro econômico, financeiro e cultural de destaque no Brasil, na América do Sul e no mundo.

Fonte: Texto adaptado pela Equipe CEIAI/SEDUC.
As informações constam na íntegra no *link* a seguir:

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Moinho_Matarazzo. Acesso em: 30 jun. 2020.

D. Questões

Após a leitura e discussão com seus colegas e professor(a), responda às questões abaixo:

- a.** De que estados vieram os migrantes para a cidade de São Paulo?

- b.** De que países vieram os imigrantes? E em que bairros se estabeleceram?

TAREFA

Converse com os seus familiares para confirmar e ampliar as informações sobre os lugares de origem (cidade/estado), quanto aos costumes que trouxeram, próprios da região de origem, quanto à moradia, alimentação (trazer uma receita), vestuário, músicas, artesanato, entre outros.

ATIVIDADE 1.2**CARACTERÍSTICAS CULTURAIS DA POPULAÇÃO DO BAIRRO OU CIDADE E DAS FAMÍLIAS DOS ESTUDANTES****PARTE I****A.** Roda de conversa

Preste atenção na explicação que seu(sua) professor(a) irá fazer sobre os pratos típicos e outros aspectos da cultura das famílias. Se você precisar, poderá fazer anotações nas linhas abaixo.

- B.** Escreva, no quadro abaixo, as informações sobre os pratos típicos, música e outros costumes da região de origem dos seus familiares e dos familiares dos(as) colegas(as).

Lugar de Origem	Prato Típico	Música	Outros costumes

- C.** Escreva a receita do prato típico que trouxe de casa. E ilustre o texto com desenhos ou recortes de imagens. Reservar o texto para a Exposição da Festa Cultural.

RECEITA DE
Ingredientes
Modo de Fazer

PARTE II

- A.** Vamos conhecer mais a origem dos hábitos alimentares do povo de São Paulo? Agora, com a ajuda do(a) seu(sua) professor(a), vamos ler e discutir o texto abaixo.

Cultura e folclore paulista: culinária e pratos típicos

A base da culinária típica do Estado de São Paulo carrega as características do início do povoamento das terras paulistas, fruto do encontro entre as culturas indígenas e europeias através dos primeiros colonizadores portugueses. Ao longo dos séculos, influências de outros povos foram agregando novas cores e sabores ao jeito de se alimentar de São Paulo.

Os colonizadores portugueses que se embrenharam e por aqui chegavam, acabavam incorporando os hábitos alimentares e agrícolas dos índios tupis-guaranis para sua subsistência. Os principais produtos paulistas, nessa época, eram as farinhas de mandioca, de trigo ou de milho. Por exemplo, a farinha de mandioca era o alimento preferido dos bandeirantes, uma vez que durava bastante tempo e era de fácil acondicionamento, o que era ótimo para as suas longas expedições. Com o milho acontecia o mesmo.

Os bandeirantes costumavam plantar feijão, abóbora e milho durante o percurso, para comê-los no retorno de suas viagens ou mesmo para o benefício de outros aventureiros.

O milho ainda permanece como um alimento importante para a nossa cultura. Ele é base para a produção de farinhas, canjicas, curaus, pamonhas e uma variedade enorme de produtos que ainda fazem parte da alimentação básica do paulista.

Outros itens muito frequentes nos hábitos dos primeiros paulistas foram o pinhão, a jabuticaba, o arará, o cambuci, a pitanga, a carne de caça e os peixes.

O tradicional virado paulista, uma mistura de farinha de milho com feijão, também surgiu na época dos primeiros colonizadores, fazendo parte do “kit de sobrevivência” das viagens dos bandeirantes. Além do virado, integravam o kit o toucinho e a carne seca, alimentos que permitem um maior tempo de conservação. A título de curiosidade, podemos citar o hábito de consumir a içá (formiga tanajura ou saúva vermelha) seca e torrada com farinha de mandioca (inclusive, com alto valor nutritivo), típico da alimentação indígena e que se estende até hoje no Vale do Paraíba.

A partir do século 18, com a descoberta do ouro em algumas regiões mais centrais do Brasil, principalmente em Minas Gerais, e com a introdução da cultura canavieira em São Paulo, a figura do tropeiro tornou-se importante para o desenvolvimento das vilas e cidades.

Os tropeiros, condutores das comitivas de animais de cargas (tropas) entre as regiões de produção e de consumo espalhadas pelo país, contribuíram com uma forte herança de seus hábitos alimentares legada aos paulistas, como o típico trio feijão-arroz-farinha. Aliás, a farinha de milho socada no pilão era a primeira refeição do dia. Além do virado, outra iguaria adaptada pelos tropeiros foi o cuscuz, de origem africana, que se tornou icônico na culinária paulista. A farinha absorvia o caldo do frango e os ingredientes se misturavam, dando origem ao prato que se assemelha a um bolo.

O café era bastante consumido, assim como a rapadura e o açúcar mascavo. Esse tipo de alimentação, tipicamente paulista dos índios, bandeirantes e tropeiros, reinou até o século 19, quando São Paulo começou a despontar como potência econômica por conta da produção cafeeira. Os membros da elite cafeeira, ao voltarem de suas viagens ao exterior, começaram a trazer novos hábitos alimentares, como molhos da cozinha francesa e outros ingredientes.

Quando chegaram, os imigrantes europeus trouxeram novos hábitos alimentares com pratos e iguarias que, com o tempo, foram totalmente incorporados ao cardápio do paulista. Trouxeram para o planalto paulista a cultura do trigo, da uva, do figo, do marmelo e da cevada.

Assim, dos italianos vieram as massas e as pizzas (cujas “adaptação” paulista tornou-se bastante peculiar e diferente da original). Dos sírios e libaneses, vieram as esfihas, os quibes, entre outros. Os japoneses contribuíram com o seu gosto pelo chá, sushi, sashimi e pelo uso de ingredientes como o tofu e o shoyu nos pratos.

Enfim, cada povo trouxe elementos que fizeram de São Paulo, sobretudo a sua capital, um dos polos gastronômicos mais importantes do mundo, segundo dados dos órgãos de turismo da região metropolitana.

É claro que muitos pratos e receitas tradicionais, dos tempos das fazendas coloniais, ainda fazem parte da mesa do paulista e do paulistano com muito sucesso. Por exemplo, os doces como canjica, paçoca de amendoim, marmelada, bananada, doces de batata-doce, batata-roxa e abóbora, goiabada, ambrosia (feito com gemas de ovos cozidas em leite e açúcar) e todos aqueles costumeiramente feitos em tachos e panelões.

Texto adaptado pela Equipe CEIAI/SEDUC especialmente para Sociedade e Natureza – 2020.

Fontes de referência e créditos: Texto desenvolvido com base no conteúdo do Portal do Governo do Estado de São Paulo sobre cultura e artesanato paulista, site Revelando São Paulo e dos livros da Coleção Terra Paulista e “A Cozinha Paulista”, de Regina Helena de Paiva Ramos

Fonte: *Cultura e folclore paulista: culinária e pratos típicos*. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/cultura-e-folclore-paulista-culinaria-e-pratos-tipicos.php>

Acesso em: 24 jun. 2020.

- B.** Após a leitura e discussão do texto acima, em dupla, descrevam quais influências os paulistas receberam em sua cultura alimentar.

- C.** Descreva o costume alimentar de sua família.

.....

ATIVIDADE 1.3

A CIDADE EM QUE VOCÊ VIVE E OUTRAS CIDADES

PARTE I – PARA QUEM MORA EM SÃO PAULO

- A.** Sua professora irá levá-los para a sala de informática. Vamos fazer um passeio virtual pela cidade em que você mora e pelas cidades de origem de sua família e das famílias dos(as) seus(suas) colegas?
- B.** Nas linhas abaixo, faça o registro do que você observou sobre sua cidade, de acordo com a orientação do(a) professor(a). Depois leia para seus(suas) colegas.

- C.** Acompanhe a leitura com seu(sua) professor(a), participe das discussões sobre o texto e sublinhe as partes que você achar mais importantes.

A paisagem de São Paulo: sua transformação.

A paisagem da cidade de São Paulo, desde sua fundação até hoje, modificou-se muito. Na época do descobrimento do Brasil, não foi fácil para os portugueses chegarem ao topo da Serra do Mar, a 760 metros de altitude, com um clima ameno, onde hoje se encontra a cidade de São Paulo. Tiveram que abrir trilhas para subir a serra, por um caminho acidentado e perigoso, entre a densa e escura floresta da Mata Atlântica habitada por animais selvagens, com a ajuda dos índios que a conheciam tão bem. Atualmente, temos as rodovias Anchieta e Imigrantes, construídas com as mais avançadas tecnologias, que possibilitam transitar de São Paulo às cidades do Litoral em pouco tempo.

Os descobridores e padres jesuítas encontraram, então, uma região formada por várias colinas, morros e vales por onde corriam os rios, hoje muitos deles escondidos pela canalização. Foi numa dessas colinas, plana e bem situada entre os rios Tamandateí e Anhangabaú, que fundaram a cidade de São Paulo, que oferecia uma vista privilegiada de quase todo o território, atualmente, ocupado pelo centro da cidade, até a serra da Cantareira e Pico do Jaraguá, o ponto mais alto da cidade.

Era uma região coberta em parte pela Mata Atlântica e em parte pelo cerrado, com algumas espécies de árvores próprias das regiões mais frias, como o pinheiro – a árvore que dá o pinhão. Não é à toa que alguns bairros receberam o nome de árvores que por aqui existiam, como Cambuci e Pinheiros. E no parque Trianon, na região da Paulista, há uma amostra da vegetação da Mata Atlântica que por aqui existia.

O lugar escolhido foi estratégico, uma vez que, situado numa elevação, garantia proteção contra-ataques e ampla visibilidade dos caminhos que levavam até lá.

E até o século 18 São Paulo foi ponto importante para a entrada e saída das bandeiras, pelo rio Tietê para o interior do Brasil, à busca de ouro e pedras preciosas.

Só no final do século 18 e início do século 19 que São Paulo começou ganhar importância econômica com o plantio e a exportação do café, pelo porto de Santos. E, com a necessidade de mão de obra, o governo favoreceu a entrada de imigrantes no país, principalmente em São Paulo.

A partir de então, aumentou o número de habitantes na cidade, e ela começou a crescer. Seu terreno acidentado fez surgir uma cidade com algumas ruas e avenidas íngremes, com pontes, viadutos e túneis para facilitar a locomoção dos seus moradores de uma região para outra. Observando sua topografia, compreende-se o motivo pelo qual certas ruas receberam nomes de ladeiras, porque foram construídas na encosta de morros ou colinas. Dentre elas, destacamos a Ladeira General Carneiro, por onde subindo do Parque D. Pedro, chega-se aonde se localiza o Pátio do Colégio, primeiro edifício da cidade; outro exemplo é a avenida Brigadeiro Luís Antônio, que sobe até a avenida Paulista e depois desce até o Ibirapuera. No centro da cidade, podem-se destacar dois viadutos – o Viaduto do Chá e o Viaduto Santa Efigênia, ambos sobre o Vale do Anhangabaú, onde corre, canalizado, o rio do mesmo nome.

Um dos primeiros túneis da cidade é o da Avenida Nove de Julho, que corta o morro por baixo da Avenida Paulista, para ligar a região norte à região sul. Assim, a cidade foi ampliando sua rede viária, como as Avenidas Marginais Pinheiros e Tietê, e outras grandes avenidas.

Texto adaptado pela Equipe CEIAI/SEDUC especialmente para Sociedade e Natureza – 2020.

Fonte: História de São Paulo. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/sao-paulo-historia-de-sao-paulo.php>. Acesso em 09 dez. 2020.

Após a leitura, sublinhe os trechos que você considera que tenham informações mais importantes sobre a cidade, com auxílio de seu(sua) professor(a).

- D.** Com base nas suas anotações e a orientação do(a) seu(sua) professor(a), você irá produzir um texto, coletivamente, sobre a cidade em que vive.

- E.** Agora, você vai escrever um texto sobre a cidade de origem de sua família, tendo como base, a produção do texto que fizeram sobre a cidade em que você mora.

PARTE II – PARA QUEM MORA EM OUTRA CIDADE

- A.** Vamos fazer um passeio virtual pela cidade em que moram e pelas cidades de origem de suas famílias.
- B.** Agora, com base no vídeo e com o levantamento de informações sobre a cidade em que você mora, preencha o quadro abaixo, com ajuda de seu(sua) professor(a).

O que você gostaria de escrever sobre seu bairro/comunidade ou sobre sua cidade?

- C.** Com base nas suas anotações e com a orientação do(a) seu(sua) professor(a), você irá produzir um texto, coletivamente, sobre a cidade em que vive.

- D.** Agora você vai escrever um texto sobre a cidade de origem de sua família, tendo como base a produção do texto que fizeram sobre a cidade em que você mora.

ATIVIDADE 1.4

SELEÇÃO DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DA CIDADE EM QUE VIVE PARTE I

- A.** Seu(sua) professor(a) irá relembrar os textos que contam a história do município em que vivem e fará levantamento, junto com sua turma, sobre a data de fundação e os principais acontecimentos históricos de sua cidade.
- B.** Agora, faça a linha do tempo da cidade, escrevendo os principais acontecimentos históricos, na primeira coluna do quadro abaixo; e, na segunda coluna, os principais acontecimentos relacionados à sua vida.

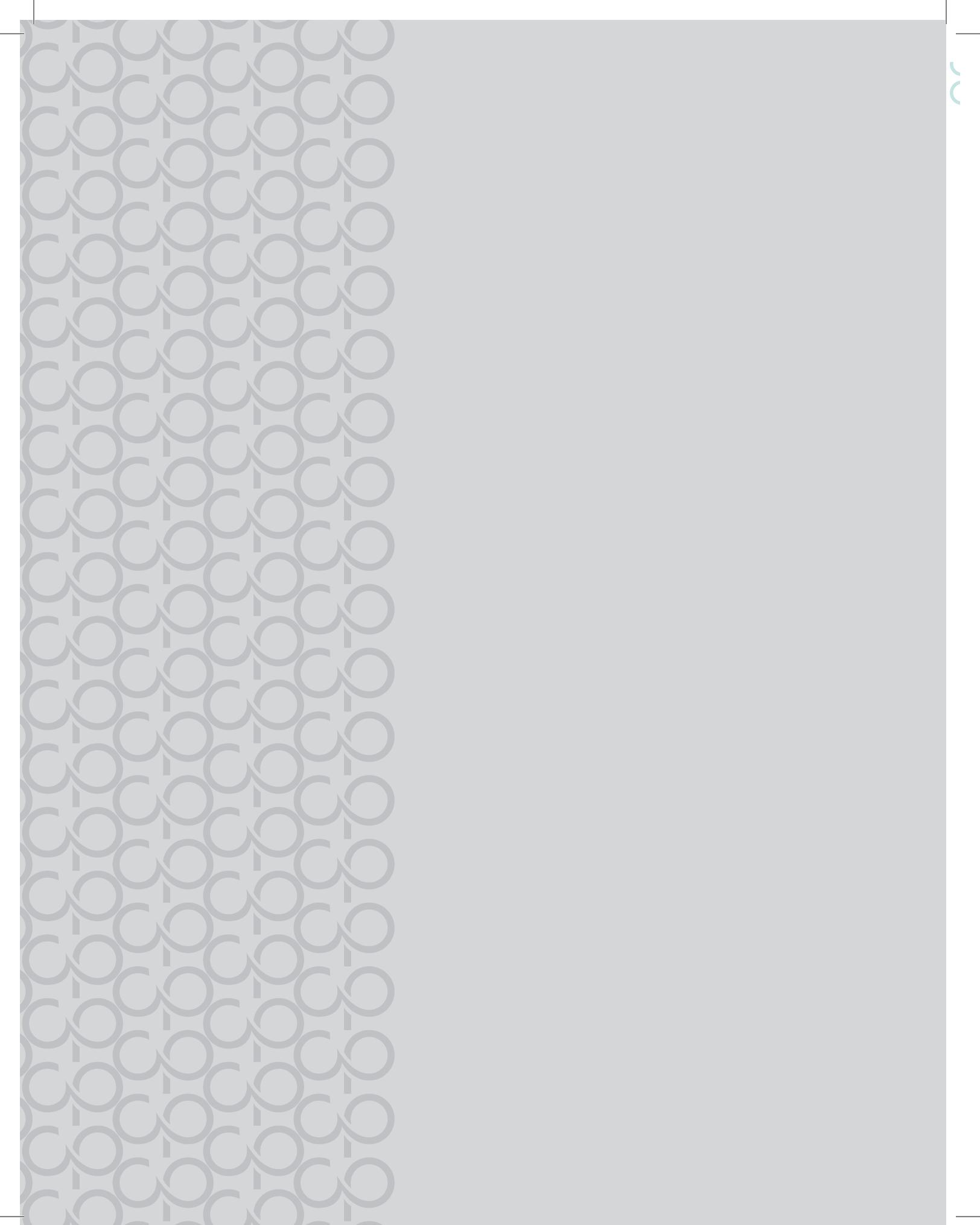
Linha do Tempo da Cidade		Linha do Tempo do(a) Estudante	
Ano	Fatos/Acontecimentos	Ano	Fatos/Acontecimentos
	Fundação da Cidade		

- C.** Escreva sobre uma mulher a quem você admira e fale sobre a importância do papel que ela desenvolve para a família ou para a comunidade/cidade em que vive.

UMA MULHER IMPORTANTE

Unidade





SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Nesta sequência, seus(sua) professor(a) irá apresentar o mapa do seu município, explicando seu traçado e tipo de representação.

Você irá fazer um passeio virtual na sala de informática, em sites que mostrem mapas e imagens dos diferentes aspectos do município, seu relevo, bacia hidrográfica (ou seu litoral), zona urbana, zona rural; enfim, que focalizem aquilo que será desenvolvido em sala em aula.

Depois, irá construir uma maquete do município, de acordo com a orientação do(a) professor(a), destacando o relevo e os rios da bacia hidrográfica da região, fazendo todos os registros em seu caderno.

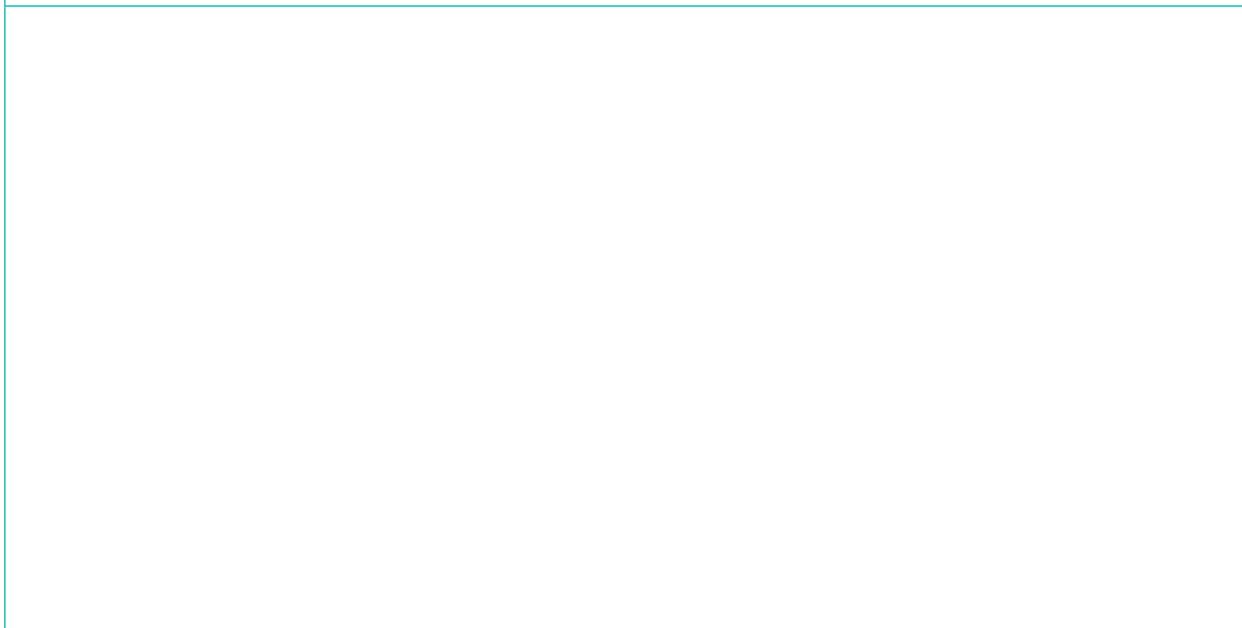
ATIVIDADE 2.1

O MUNICÍPIO – SEUS DIFERENTES ASPECTOS

O(a) professor(a) irá apresentar a você diferentes mapas do município: mapa do relevo e vegetação, mapa da bacia hidrográfica, mapa da divisão em bairros.

- A.** Observe, identifique e localize a zona rural e a zona urbana do município, no mapa. Qual é a região maior e a menor? Como se caracterizam os bairros?

MAPA DOS BAIRROS DO MUNICÍPIO



B. Cole no espaço abaixo o **Mapa de Vegetação e Relevo do seu Município**. Observe bem as características do relevo e da vegetação. Quais são os pontos mais altos e mais baixos do relevo do seu município? Onde se localizam?

* A cidade ou zona urbana fica no ponto mais alto ou mais baixo?

* Quais tipos de vegetação existem nas diferentes regiões?

* Existe mata nativa preservada? Você pode identificá-la em que região?

MAPA DO RELEVO E VEGETAÇÃO DO MUNICÍPIO

C. Cole no espaço abaixo o **Mapa da Bacia Hidrográfica do seu Município**. Observe-o:

- * Qual é o principal rio da região? Onde o rio nasce? Onde deságua?
- * Quais são os seus afluentes? O rio passa pela cidade? Há algum rio ou córrego invisível na sua cidade, bairro ou região?
- * Há alguma represa para abastecimento de água da cidade?
- * Quais rios abastecem a represa?

MAPA DA BACIA HIDROGRÁFICA DO MUNICÍPIO

- D.** Depois, com a orientação do(a) seu(sua) professor(a), faça uma maquete representando um dos mapas que você escolher. Observe tudo no mapa e represente-o na maquete.
- E.** Descreva o que se pede:

Como são a zona rural e urbana do seu município:

Como é o relevo e a vegetação do seu município:

Como é a bacia hidrográfica do seu município:

- F.** Escolha, junto com sua turma e com o(a) seu(sua) professor(a), um local para visitar. Pode ser: a nascente do principal rio da cidade; a represa que abastece a cidade; o rio que atravessa a cidade; a estação de tratamento da água que abastece a cidade; ou, ainda, o pico mais alto da cidade, se for região montanhosa. Se o seu município se localizar em região litorânea, escolher com o(a) professor(a) um lugar mais interessante.

Faça o roteiro e planejamento para a visita no espaço abaixo.

PARTE B – RESUMO

Faça um resumo em tópicos sobre as questões levantadas quanto aos cuidados que os cidadãos devem ter para respeitar a natureza do lugar onde vivem.

ATIVIDADE 2.2

A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DA NATUREZA

- A.** Entreviste, junto com seu(sua) colega, um profissional ou pessoa envolvida com ações para preservação do meio ambiente. Para isso, o(a) professor(a) fará na lousa, junto com você e seus(suas) colegas, o planejamento do roteiro para a entrevista.

Em seguida, escreva, nas linhas abaixo esse roteiro.

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

- B.** Lembrando o assunto que você estudou nestas atividades e a discussão com seu(sua) colega e professor(a), quais são os cuidados que se deve ter para preservar a natureza e o ambiente onde se vive?

Em seguida, escreva, nas linhas abaixo, a lista dos cuidados com os quais você pode contribuir para preservar e tornar mais saudável o lugar onde vive.

Pesquisa

Para a próxima aula, verificar com os familiares como eram as relações de trabalho antigamente e como ocorre agora? Houve alguma mudança? Quais eram os direitos do trabalhador? Houve mudanças?

ATIVIDADE 2.3

ATIVIDADES PROFISSIONAIS DOS HABITANTES DO MUNICÍPIO

PARTE I

- A.** Você irá discutir com sua turma e professor(a) a pesquisa a respeito das atividades profissionais do município em que vivem. Quais atividades profissionais exercidas em seu município seus familiares ou amigos apontaram?
- B.** Acompanhe a leitura, pelo(a) professor(a), do texto que segue e participe da discussão.

A VIDA NO CAMPO E NA CIDADE

A vida no campo oferece proximidade do homem com a natureza e a possibilidade de uma alimentação mais saudável, pois pode-se colher as frutas ou hortaliças mais frescas.

No campo, as pessoas estão habituadas a trabalharem mais perto de suas residências ou a trabalharem e morarem nas chácaras, sítios ou fazendas de agricultura (corte de cana de açúcar, plantação de soja, milho, hortaliças) ou de criação de gado.

Antigamente, as pessoas do campo tinham o sonho de morar na cidade porque achavam que a vida seria mais fácil, pois no campo não havia água encanada, nem luz elétrica; portanto, não podiam assistir à TV, nem ter chuveiro com água quente, por exemplo.

Mas, atualmente, o conforto da cidade chegou a muitas regiões rurais, com a possibilidade de se ter água encanada e luz elétrica. Nas grandes propriedades, há inclusive o uso de tecnologias, como computador e celular com acesso à internet e GPS para localização. Isso possibilitou o uso de máquinas para a semeadura e para a colheita sofisticadas e computadorizadas, o que permite fazer o trabalho com maior rapidez e facilidade. Por outro lado, elas passam a exigir profissionais mais preparados.

Hoje em dia, a situação inverteu-se. Para muitas pessoas, é um sonho viver no campo, longe da poluição e próximo à natureza, porém, não regressam porque a cidade ainda continua a oferecer mais oportunidades de trabalho para a maioria da população. Além disso, há também possibilidades de acesso a eventos sociais e culturais, entre outros, bem como a facilidade de locomoção.

Deve-se ressaltar, que atualmente, pode-se observar que há muitos espaços públicos e privados de qualidade para a população, tanto na região urbana como na rural, e que a facilidade de locomoção entre uma região e outra possibilita a todos várias opções de lazer e cultura: parques ecológicos, museus, patrimônios históricos, praias no litoral paulista, hotéis fazenda, parques com rotas históricas e outros, que valem a pena conhecer. A criação desses espaços é considerada essencial, atualmente, para se obter melhor qualidade de vida da população.

Texto elaborado pela Equipe CEIAI/SEDUC especialmente para Sociedade e Natureza – 2020.

C. Responda às questões:

- Quais são as atividades profissionais exercidas na zona rural do seu município?

- E quais são as atividades profissionais exercidas na zona urbana do seu município?

- Por que isso ocorre?

PARTE II

- D.** Retomar os textos da Sequência Didática – 1 e a leitura do texto “A Vida no Campo e na Cidade” com enfoque nos modos de vida da população de seu município, confrontando o presente com o passado.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DA VIDA NO CAMPO E DA VIDA NA CIDADE	
ANTIGAMENTE	
VIDA NO CAMPO – zona rural	CIDADE – zona urbana

ATUALMENTE	
VIDA NO CAMPO – zona rural	CIDADE – zona urbana

Pesquisa

Verificar com os familiares:

Quais eram as atividades de lazer ou de recreação, quando os familiares eram mais jovens? E agora? Quais as semelhanças e diferenças?

ATIVIDADE 2.4

LUGARES DE LAZER DO MUNICÍPIO

PARTE I

A. Observe as imagens. O que elas representam?



ZOOLÓGICO

Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/babu%C3%ADno-macaco-primatas-4398922/>.
Acesso em: 30 jun. 2020



Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-villa-lobos/>.
Acesso em: 15 set. 2020.

PARTE II

B. Observe as imagens e junto com seus(suas) colegas leiam as informações abaixo.

Parques da Cidade de São Paulo



Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/jardim-botanico/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

Fundado em 1928, o **Jardim Botânico** conta com 143 hectares, com várias espécies vegetais. O Instituto de Botânica dispõe de uma biblioteca com cerca de 6.400 livros e privilegiado acervo botânico. No Museu Botânico há amostras de plantas da flora brasileira, coleção de produtos extraídos de plantas e representações de ecossistemas do Estado. No conjunto arquitetônico-cultural do local destacam-se, além do Museu, duas estufas que abrigam plantas típicas da Mata Atlântica e exposições temporárias, o Jardim de Lineu, o portão histórico de 1894 e o marco das nascentes do riacho Ipiranga.



Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-do-ibirapuera/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

Reduto dos paulistanos, o **Ibirapuera** é o mais importante parque urbano de São Paulo. Seus três lagos artificiais são interligados e ocupam 1,6 milhão de m². Foi inaugurado em 1954 para comemorar o quarto centenário da cidade. Possui ciclovia, 13 quadras iluminadas, pistas de corrida, passeio e descanso e áreas abertas para shows. Abriga prédios públicos, museus, planetário, o prédio da Bienal, ginásio de esportes, Museu do Presépio, Museu da Aeronáutica e do Folclore, o Obelisco (link), o Monumento às Bandeiras (link) e o Pavilhão japonês.

Para pesquisa na íntegra: Fonte: Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/horto-florestal>. Acesso em: 26 jun. 2020.

- C.** Faça um levantamento, seguindo a orientação do(a) seu(sua) professor(a) dos lugares de lazer existentes no município.

- D.** Faça uma comparação entre o lazer atual e o antigo, após pesquisa com familiares.

- E.** Comente com seus(suas) colegas e professor(a), o que você observou nas imagens e o que compreendeu na leitura de suas legendas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS

BARBOSA, Paulo Corrêa. *Quilombo: espaço de resistência de homens e mulheres negros*. Brasília, DF: SECAD/MEC, 2005. (Adaptado)

Currículo Paulista. São Paulo: SEDUC/UNDIME, 2019.

<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em 2020.

DOCUMENTOS OFICIAIS

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. p. 27833.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Os Ciclos de Festas. In: *Índios no Brasil 2*. Brasília, DF: MEC/SEED/SEF, 2001. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>. Acesso em: 10 jun. 2020. (Adaptado)

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília, DF: MEC/SEB/DICEI, 2013.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base*. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Currículo do Estado de São Paulo*. São Paulo: SE, 2011.

SÃO PAULO (Estado). *Currículo Paulista*. São Paulo: SEDUC/UNDIME, 2019. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em: 18 out. 2020.

SITES

História de São Paulo. Biblioteca virtual. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/sao-paulo/sao-paulo-historia-de-sao-paulo.php>. Acesso em 2020

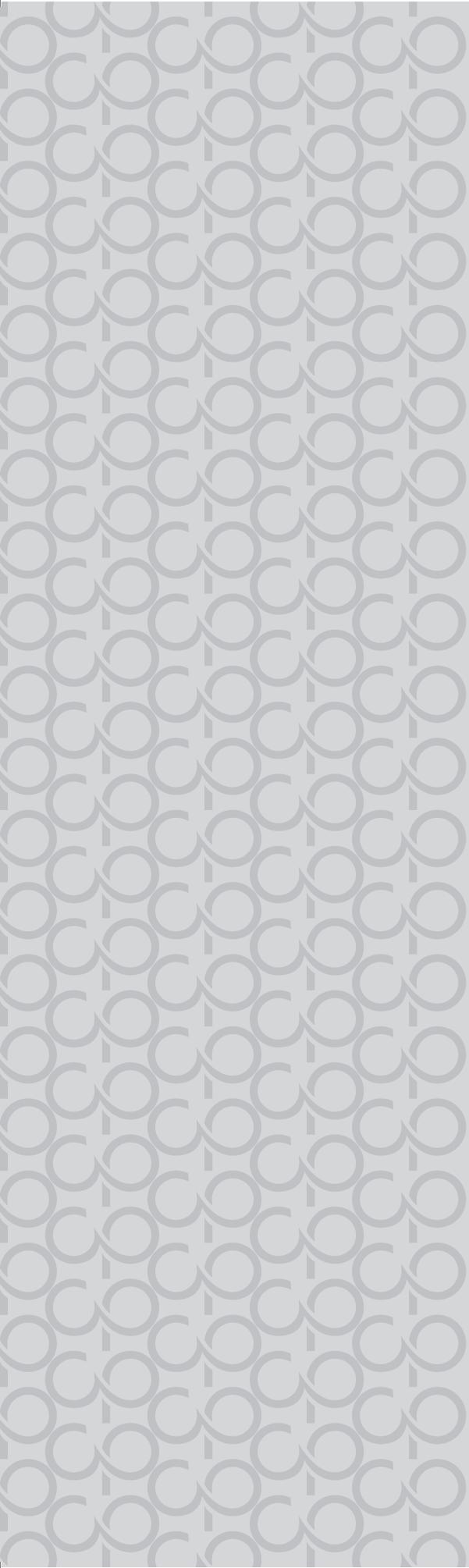
Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>. Acesso em 2020

Fonte: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em 2020

Fonte: <https://br.freepik.com/>. Acesso em 2020

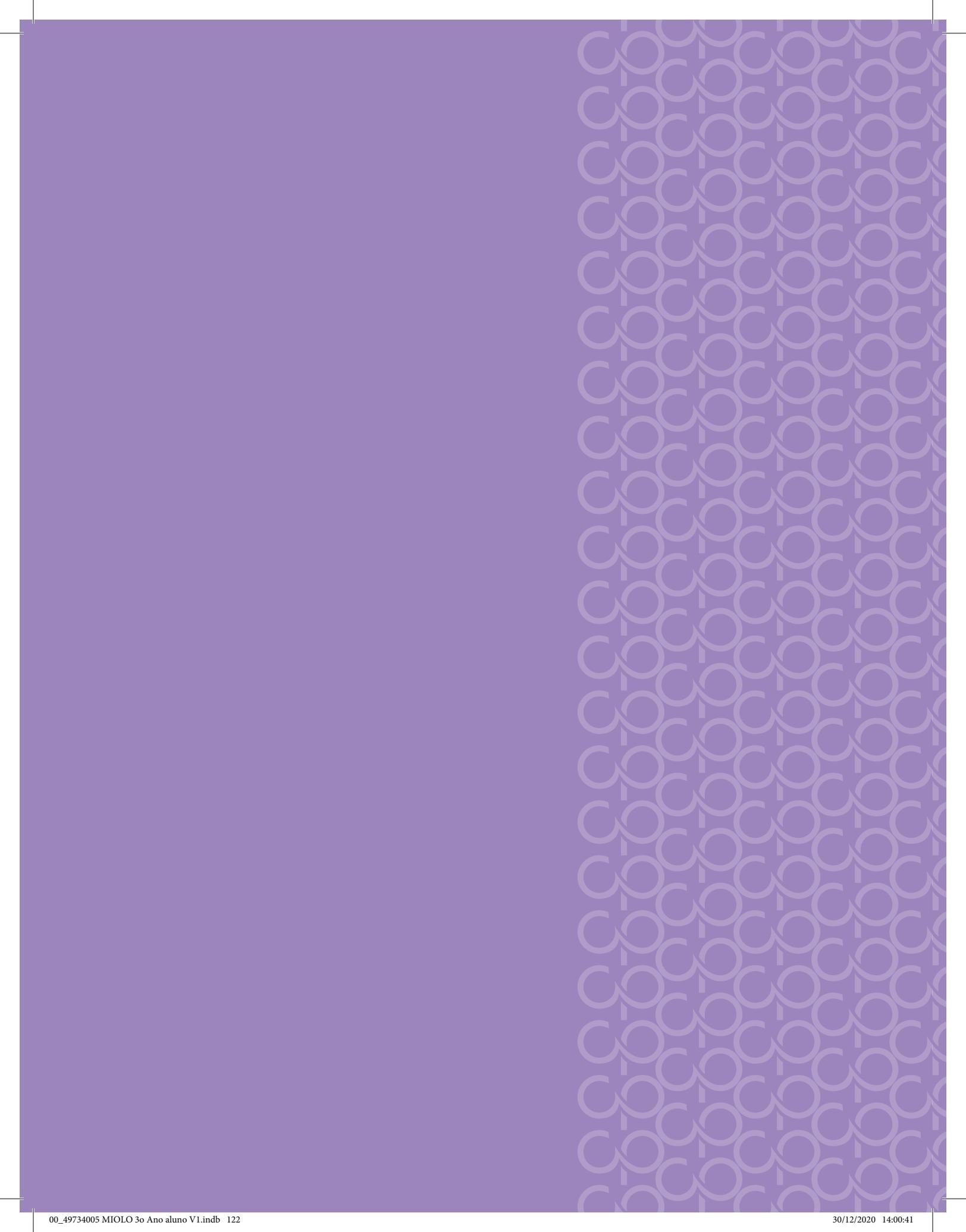
Fonte: <https://jornal.usp.br/>. Acesso em 2020

Fonte: <https://pixabay.com/pt/>. Acesso em 2020



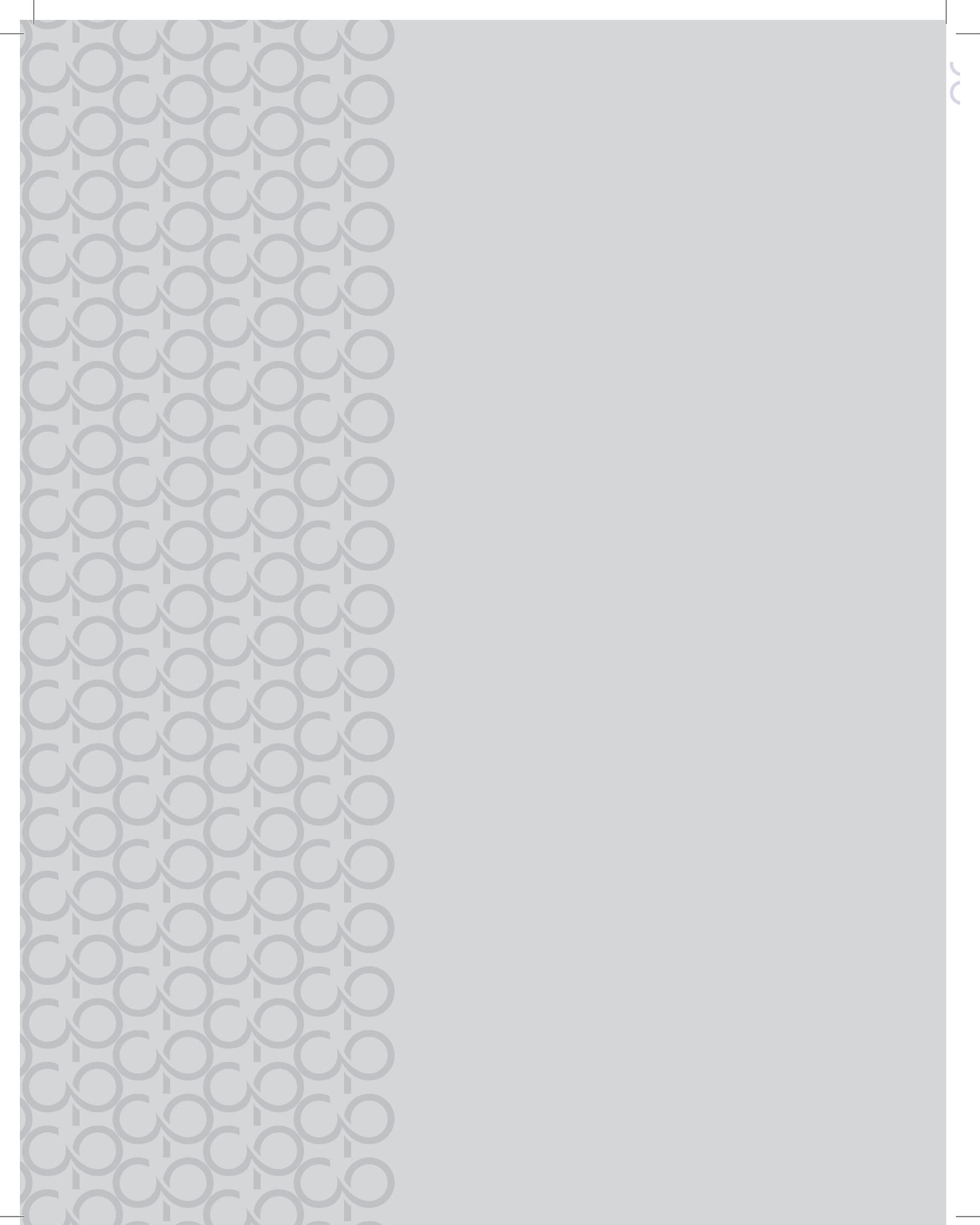
SOCIEDADE E NATUREZA

CIÊNCIAS



Unidade





ATIVIDADE 1.1

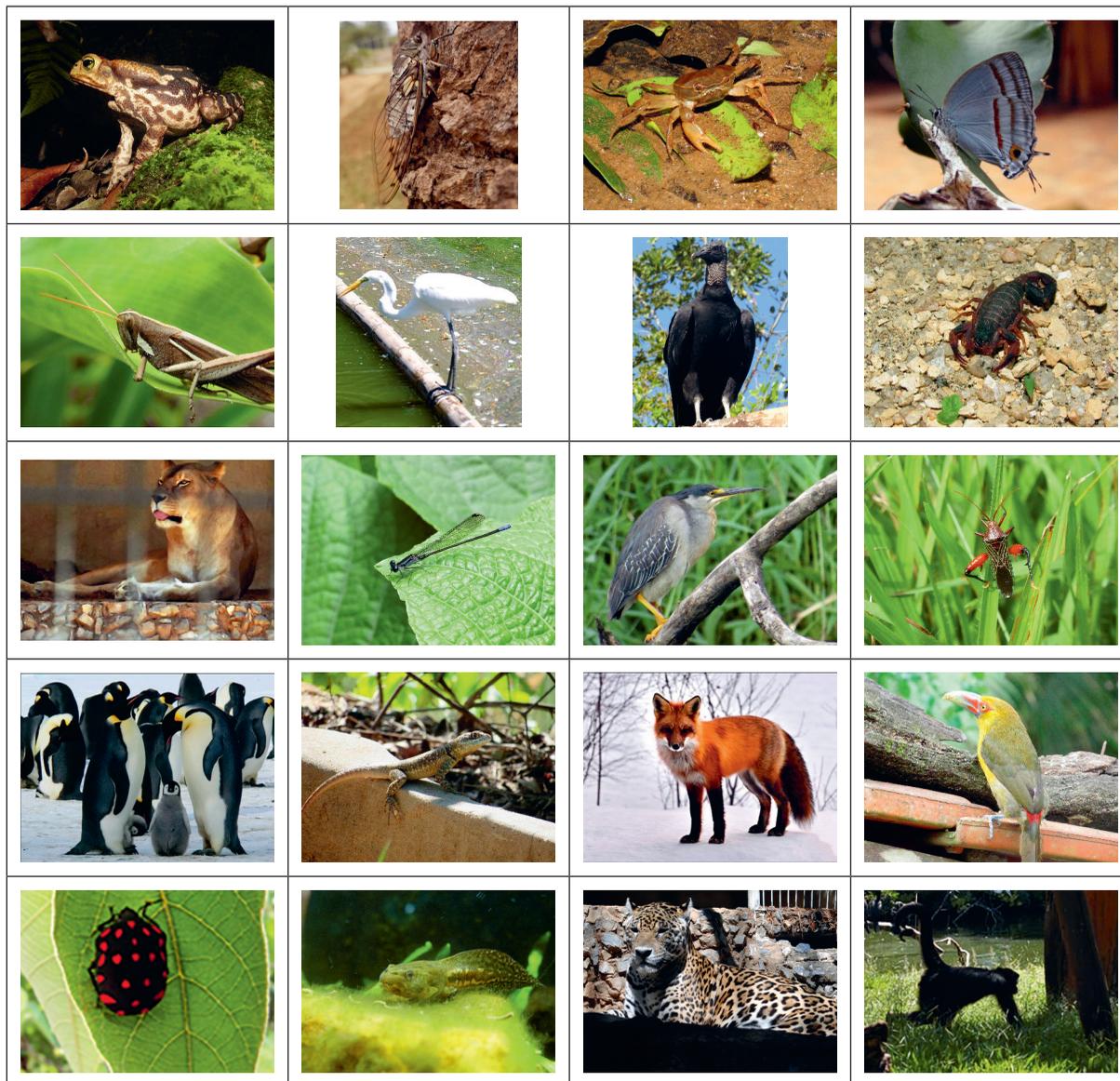
1. Preencha a ficha de observação do céu, conforme a orientação de seu(sua) professor(a), em três dias e três noites diferentes e não consecutivos, ao longo de uma semana. Registre ou desenhe o que você vê.

Dia	O que você vê no céu durante o dia?	O que você vê no céu durante a noite?
1°		
2°		
3°		

2. Socialize suas observações com seu grupo e seu(sua) professor(a).
3. Discuta com seu(sua) professor(a) e colegas as seguintes perguntas:
 - a) O que você vê no céu durante o dia?
 - b) Por que, à noite, a Terra fica escura?
 - c) Para onde vai o Sol quando anoitece?
 - d) O que vemos no céu durante a noite?
 - e) Quando podemos ver a Lua?
 - f) Além da Lua e das estrelas, o que mais podemos ver no céu à noite?

ATIVIDADE 1.2

1. Junto com seus colegas de grupo, analise a folha com imagens de animais a seguir:



Imagens: cedidas por Murilo Magagna e disponíveis Pixabay²

2 Raposa disponível em: <https://pixabay.com/photos/fox-nature-animals-roux-fauna-715588/>; pinguins disponível em: <https://pixabay.com/photos/emperor-penguins-birds-wildlife-429128/>. Acesso em: 23 de junho de 2020. As demais imagens são de acervo pessoal e foram cedidas por Murilo Magagna.

2. Conversem sobre quais vocês já conheciam.
 3. Recorte os animais que se encontram nos anexos e separe-os em 4 grupos. Em seguida, escrevas todas as características que os grupos possuem.
-

ATIVIDADE 1.3

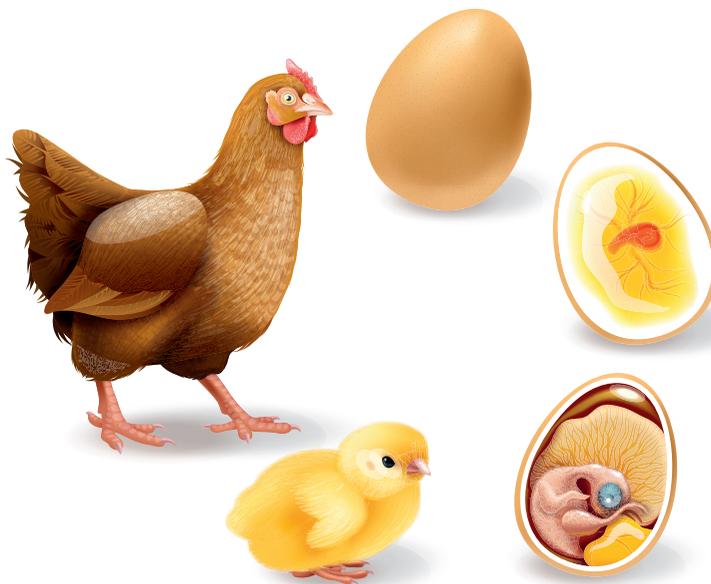
1. Em duplas, explorem os materiais selecionados pelo(a) seu(sua) professor(a), escolham um animal de interesse de vocês e respondam às questões abaixo:
 - a) Onde esse animal vive?
 - b) Escreva um local onde seria difícil esse animal sobreviver.
 - c) Quais são os hábitos alimentares desse animal?
 - d) Qual é o tempo de vida desse animal?
 - e) Como ele se reproduz?
 - f) Há outras informações interessantes sobre esse animal?
 2. Após registrar no caderno sua pesquisa sobre o animal escolhido, conte para os(as) colegas da sala o que descobriu sobre ele.
 3. Procure uma imagem desse animal para recortar ou desenhar e, em uma folha, cole a imagem do animal e escreva informações sobre ele para compor o painel de animais da classe.
 4. Assista aos vídeos que seu(sua) professor(a) exibirá e comente com seus(suas) colegas outras informações que descobriram sobre os animais.
-

ATIVIDADE 1.4

1. Junto com seus(suas) colegas, assistam aos vídeos ou leiam os textos separados pelo(a) professor(a). Seu grupo escolherá, com ajuda do(a) professor(a), um animal para representar o ciclo de vida (desenvolvimento).

Exemplo:

Ciclo de vida da galinha

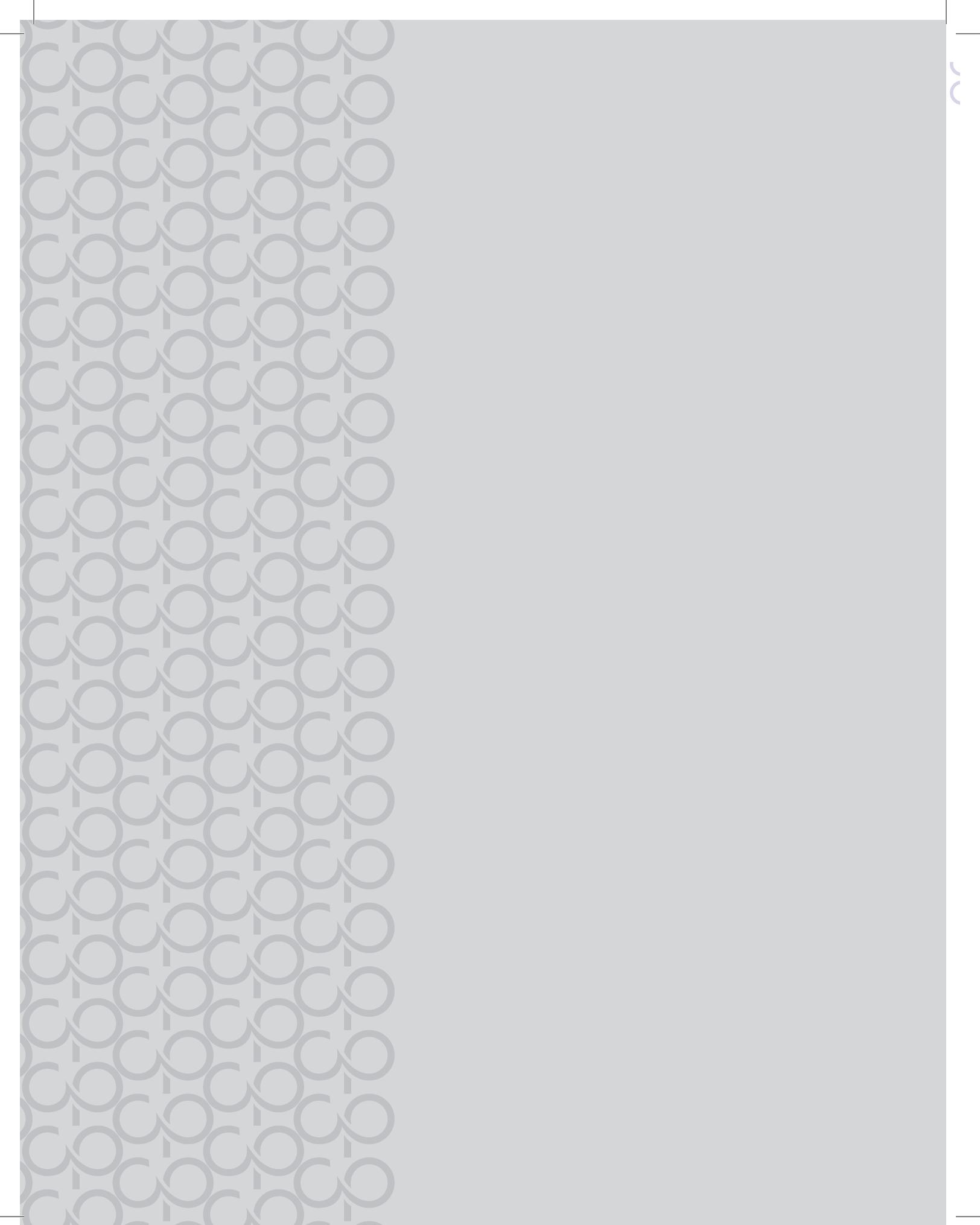


Fonte: Freepik. Disponível em https://br.freepik.com/vetores-gratis/o-ciclo-de-vida-do-frango-monta-a-composicao-realista-do-desenvolvimento-do-embriao-do-ovo-fertil-para-a-galinha-adulta_6841905.htm#page=1&query=ciclo%20de%20vida%20da%20galinha&position=0. Acesso em: 16 dez. 2020.

2. Com seu grupo, escolham o material e a forma como vão mostrar aos(as) colegas o ciclo de vida do animal escolhido.
3. Depois que terminarem, apresentem e expliquem para os(as) colegas.

Unidade





ATIVIDADE 2.1

1. Junto com seu(sua) colega, produzam os sons com os objetos solicitados pelo(a) professor(a), discutam e registrem as diferenças observadas por vocês. Descrevam também como o som chega ao ouvido. Depois socializem seus registros com a classe.
2. Acompanhe a leitura compartilhada com seu(sua) professor(a) e, depois, retomem os registros e discussões realizadas anteriormente.

O SOM

O som nada mais é que ondas produzidas pela vibração de um corpo. Elas se propagam pelo ar e chegam até nossos ouvidos. Vibrações produzidas por objetos diferentes produzem diferentes sons.

Por exemplo, se você bater no fundo de uma lata, verá que serão produzidas vibrações pelo material, que produzirão um “barulho” (som) específico. Porém, se você estalar os dedos ou assoviar com um apito, ouvirá sons diferentes, que são chamados de *timbre*.

TIMBRE

Por exemplo, você pode produzir a mesma nota musical com diferentes instrumentos musicais. Eles emitirão sons diferentes porque cada instrumento musical emite uma nota musical com formato diferenciado, assim como as pessoas, que possuem timbres de voz diversos.

MAS POR QUE ISSO ACONTECE?

Isso acontece porque o nosso corpo e os objetos são feitos de materiais diferentes e possuem formatos e tamanhos diferentes. Dessa forma produzem sons diversos.

Praticamente tudo à nossa volta produz som, e foi observando todas essas coisas que o ser humano criou os instrumentos musicais.

INTENSIDADE

É a característica que define se um som é forte ou fraco. Dessa forma, o som de um *show* é forte, enquanto o som de um pernilongo é fraco. Normalmente, nós associamos a intensidade do som ao volume e assim falamos que o som que sai de uma caixa de som, por exemplo, é alto ou baixo, e não forte ou fraco. A intensidade sonora é medida em decibéis.

ALTURA

A altura é característica que define se um som é agudo ou grave. Quando um som é alto, ele é agudo e quando é baixo, ele é grave. O apito e a flauta são exemplos de instrumentos que produzem um som agudo ou alto, enquanto o baixo e o violoncelo produzem um som grave ou baixo.

Fonte: Texto elaborado pela equipe CEIAI/SEDUC especialmente para o Sociedade e Natureza – 2020.

3. Agora é hora de criar! Seguindo as orientações do(a) professor(a), vocês vão fazer um instrumento musical.

ATIVIDADE 2.2

1. Junto com seu(sua) colega, testem, discutam e anotem as observações realizadas dos materiais, conforme as orientações do(a) professor(a). Depois, socialize com seus(suas) colegas suas conclusões.
2. Acompanhe a leitura do texto junto com seu(sua) professora.

HAJA LUZ...

A luz nos possibilita enxergar através das lentes de nossos olhos; portanto, se não existisse luz, nada poderia ser visto.

A luz é emitida por fontes naturais, como o Sol e as outras estrelas. Ou artificiais, como as lâmpadas, lanternas etc.

A luz interage de diferentes formas quando projetada sobre diferentes materiais, que podem ser: transparentes, translúcidos ou opacos.

Transparente: permite a propagação regular da luz, ou seja, qualquer material colocado atrás dele pode ser visto. Exemplo: vidro transparente.

Translúcido: a luz se propaga de forma irregular e não conseguimos enxergar com nitidez o objeto atrás do meio. Exemplo: papel vegetal e vidro fosco.

Opaco: o meio não permite a propagação da luz, e o observador não consegue ver o objeto através do meio. Exemplo: cartolina, caderno.

Fonte: Texto elaborado especialmente pela equipe CEIAI/SEDUC especialmente para Sociedade e Natureza – 2020

3. E o espelho? Que tipo de material é? Junto com seus(suas) colegas, analisem, testem e registrem que tipo de material é o espelho. Expliquem por que chegaram a essa conclusão.

ATIVIDADE 2.3

1. Converse com seu(sua) professor(a) e colegas sobre as perguntas abaixo:



Fonte: Pixabay. Disponível em <https://pixabay.com/pt/vectors/polui%C3%A7%C3%A3o-sonora-ansiedade-ru%C3%ADdo-3583915/>. Acesso em: 16 dez.2020.

- a. O que é poluição?
 - b. Quais tipos de poluentes você conhece?
 - c. O que você consegue observar nessa imagem?
 - d. Você acha que a personagem da imagem acima está se sentindo bem? Por quê?
 - e. Som alto é poluição?
 - f. Você gostaria de viver em um ambiente barulhento ou silencioso? Por quê?
2. Leia o quadro junto com seu(sua) colega para descobrir um pouco mais sobre poluição. Depois compartilhem o que descobriram.

Poluição é a liberação de matéria (lixo, esgoto, gases) ou energia (calor, luz, som) em um ambiente, alterando suas características originais e causando degradação. A poluição, geralmente causada pela ação humana, pode provocar danos e trazer prejuízos à nossa saúde, dos demais seres vivos e ecossistemas.

Poluição sonora é o excesso de barulho que afeta nosso sistema auditivo. Todos os sons muito altos que ouvimos durante o dia repetidamente por longos períodos podem provocar dores de cabeça, entre outros problemas.

A perda total ou parcial da audição também pode acontecer. E sabem por quê?

Porque a poluição sonora repetida pode provocar a perda auditiva de maneira sutil.

Sabe aquele celular que você usa diariamente com fones de ouvido para ouvir as músicas da banda de que mais gosta no último volume? E aquela televisão no volume máximo? Ou até mesmo aquela sala de aula barulhenta, que você não sabe se ouve o seu professor que insiste em falar, ou seus colegas que falam alto o tempo todo?

Então, esses são alguns dos fatores que podem trazer a perda total ou parcial da sua audição.

Fonte: Texto elaborado pela equipe CEIAI/SEDUC especialmente para Sociedade e Natureza – 2020

3. Acompanhe a leitura do texto escolhido pelo seu(sua) professor(a) e anote no quadro o que descobriam sobre poluição sonora.

4. Será que a poluição sonora afeta apenas seres humanos? Pesquise, junto com seus(suas) colegas e com a orientação de seu(sua) professor(a), como a poluição sonora afeta outros seres vivos.

ATIVIDADE 2.4

1. Observe as imagens e discuta com seus(suas) colegas e professor(a):



Fonte: Pixabay. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/times-square-nyc-cidade-novo-pra%C3%A7a-2835995/> e <https://pixabay.com/pt/photos/namdaemun-mercado-myeongdong-seul-326138/>. Acesso em 16 dez. 2020.

- a. O que as imagens têm em comum?
- b. Existe poluição nas imagens? Que tipo de poluição?

4. Depois das leituras selecionadas pelo(a) seu(sua) professor(a), escreva junto com seu(sua) colega os efeitos causados pela poluição luminosa:

No céu noturno	Nas pessoas
Nas plantas	Nos animais

5. Como é possível diminuir o problema da poluição luminosa?

ANEXOS

Imagens: cedidas por Murilo Magagna e disponíveis Pixabay³

3 Raposa disponível em: <https://pixabay.com/photos/fox-nature-animals-roux-fauna-715588/>; pinguins disponível em: <https://pixabay.com/photos/emperor-penguins-birds-wildlife-429128/>. Acesso em: 23 de junho de 2020. As demais imagens são de acervo pessoal e foram cedidas por Murilo Magagna.

LER E ESCREVER & SOCIEDADE E NATUREZA

ENSINO FUNDAMENTAL – VOLUME 1

COORDENADORIA PEDAGÓGICA

Coordenador: Caetano Pansani Siqueira

Assessoria Técnica: Alberto da Silva Seguro, Bruno Toshikazu Ikeuti, Caren Aline Ribeiro Santos, Denise Aparecida Acácio Paulino, Isaque Mitsuo Kobayashi, Márcio Roberto Peres, Vinícius Bueno.

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Diretora: Viviane Pedroso Domingues Cardoso

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – CEIAI

Diretora: Mariana Sales de Araújo Carvalho

EQUIPE CURRICULAR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – CEIAI

Ana Aline Padovezi Rossi, Kristine Martins, Mariana Sales de Araújo Carvalho, Nicole Alves Pereira, Noemi Devai, Roberta Nazareth de Proença Silveira, Sônia de Oliveira N. Alencar, Vanessa Cristina Amoris Domingues.

LÍNGUA PORTUGUESA

EQUIPE DE ATUALIZAÇÃO, ELABORAÇÃO, LEITURA CRÍTICA E VALIDAÇÃO DO MATERIAL À LUZ DO CURRÍCULO PAULISTA

Angela Maria de Oliveira – *DE Mogi das Cruzes*; Cláudia Barbosa Santana Miranda – *DE Suzano*; Claudineide Lima Irmã – *DE Guarulhos Sul*; Daniele Eloise do Amaral S. Kobayashi – *DE Campinas Oeste*; Elaine Viana de Souza Palomares – *DE Bauru*; Gisleine Ap. Rolim L. Araújo – *DE Itapetininga*; Lillian Faria de Santana A. Marques – *DE São José dos Campos*; Nelci Martins Faria – *DE Centro Oeste*; Camila Morais Maurício – *Secretaria Municipal de Educação de Jacaré e Equipe CEIAI*.

Análise e Revisão Final: Equipe do Centro de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental – CEIAI.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

EQUIPE DE ATUALIZAÇÃO, ELABORAÇÃO, LEITURA CRÍTICA E VALIDAÇÃO DO MATERIAL À LUZ DO CURRÍCULO PAULISTA

Ana Aline Padovezi Rossi, Kristine Martins, Mariana Sales de Araújo Carvalho, Noemi Devai, Roberta Nazareth de Proença Silveira, Sônia de Oliveira N. Alencar, Priscila Lourenço Soares Santos, Tatiana Pereira de Amorim Luca.

Análise e Revisão Final: Equipe do Centro de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental – CEIAI.

CIÊNCIAS DA NATUREZA

EQUIPE DE ATUALIZAÇÃO, ELABORAÇÃO, LEITURA CRÍTICA E VALIDAÇÃO DO MATERIAL À LUZ DO CURRÍCULO PAULISTA

Ana Aline Padovezi Rossi, Kristine Martins, Mariana Sales de Araújo Carvalho, Noemi Devai, Roberta Nazareth de Proença Silveira, Sônia de Oliveira N. Alencar, Tatiana Pereira de Amorim Luca.

Análise e Revisão Final: Equipe do Centro de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental – CEIAI.

EQUIPE DE DIRETORIAS REGIONAIS DE ENSINO 2020 ELABORAÇÃO DO MATERIAL DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

Luciana Maria Victória – *Piracicaba*; Meire Silva Vieira – *Jacaré*; Rosimeire da Cunha – *São Vicente*; Viviani Ap. da Silva Rodrigues – *Sorocaba*.

Conferimos créditos também à **Prof.^a Dr.^a Célia Maria Carolino Pires**, pela concepção e supervisão do projeto EMAI 1ª edição, bem como a todos os Técnicos da Equipe Curricular dos Anos Iniciais e aos Professores Coordenadores dos Núcleos Pedagógicos das Diretorias de Ensino que participaram da elaboração e revisão dos materiais nas edições anteriores, que compreendem o período de 2013 a 2018.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S/A – IMESP

PROJETO GRÁFICO – Ricardo Ferreira

ILUSTRAÇÕES – Robson Minghini

DIAGRAMAÇÃO – Selma Brisolla

TRATAMENTO DE IMAGENS

Leonídio Gomes; Marcelo de Oliveira Daniel e Tiago Cheregati.